

INTRODUÇÃO

O Grupo Recreativo de Bandolinistas 1.º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires foi fundado a 1 de maio de 1919, passando pouco anos depois a ser conhecido por Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires. Tinha por missão promover o cultivo da música e do teatro e suprir as necessidades dos seus sócios, razão pela qual viria a assumir a gestão das “assinaturas para operários” e a acolher na sua sede a Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores, que fora criada a 1 de janeiro de 1925. Como anota José Luís Tomé Sabido, em *Tires, Terra de Canteiros*, «por estas ousadias, o lugar de Tires era olhado com desconfiança pelas autoridades da época e a terra nunca esteve nas suas prioridades de investimento»¹.

Em 1964 alterou a sua designação para Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio, que utilizou até 1975, quando voltou a denominar-se Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires. Já em 1997 passou a apelidar-se de Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires, designação que foi definitivamente fixada nos estatutos de 2017.

Os mais antigos estatutos conhecidos deste Grupo, sedeado em Tires e «composto de ilimitado número de sócios, de ambos os sexos e residentes dentro da respetiva área, no concelho de Cascais», remontam a 28 de setembro de 1935. Os seus objetivos eram, então, «socorrer os [...] associados por meio de benefícios, ensinar música, desenvolver a arte dramática e dar instrução aos filhos dos [...] sócios». Os estatutos de 1952 e de 1958 reforçariam a missão do Grupo, apresentando-o como uma «sociedade puramente recreativa» que tinha por fim a «cultura musical e dramática», o «recreio aos seus associados e família» e «criar uma biblioteca para ilustração dos sócios, quando as suas forças materiais o permitirem». Note-se, ainda assim, que «no caso de dissolução [...] os fundos existentes serão vendidos em hasta pública em benefício dos pobres de Tires», o que denuncia as preocupações de ordem social que sempre demonstrou.

Os estatutos de 1964 estabeleceriam que «os seus fins são promover o recreio dos seus associados por meio de récitas, festas recreativas, saraus, bailes, jogos lícitos e teatro amador». Já em 2006, o Grupo passou a ter por fim «a promoção cultural dos seus associados através da educação cultural, física, desportiva e ação recreativa, visando a sua formação humana e integral», pela qual continua a pugnar.

O arquivo do Grupo foi depositado em 2014 no Arquivo Histórico Municipal de Cascais, no âmbito do PRADIM – Programa de Recuperação de Arquivos e Documentos de Interesse Municipal, de forma a assegurar a preservação e difusão da sua preciosa documentação, base da investigação que o Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires apresenta em livro a 1 de maio de 2019, dia em que comemora o seu primeiro centenário.

É a Tires, que tanto deve ao Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio, que se se dedica esta obra!

¹ José Luís Tomé Sabido, *Tires, Terra de Canteiros*. [S.l.]: Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana; Associação Cultural de Cascais, 2003. P. 28.

TIRES, TERRA DE CANTEIROS



1. Tires | c. 1900

Col. Guilherme Cardoso **AGUARDA MELHOR RESOLUÇÃO**

A primeira referência conhecida acerca de Tires remonta ao censo de 1527, quando se regista a presença de 10 vizinhos, isto é, cerca de 30 pessoas, em «Tyras». A principal atividade da população era, então, a agricultura, com destaque para a produção de cereais, que parece, mesmo, ter estado na origem do topónimo, pois, de acordo com J. Diogo Correia, «tratando-se de uma pequena região, é natural que cada um dos moradores do lugar se esforçasse por adquirir uma leira, uma courela – uma tira – donde pudesse desentranhar o grão bendito que depois havia de transformar-se na base da sua alimentação. Das tiras em que foi dividido proveio, se não estou em erro, o nome da localidade»².

A extração e processamento da pedra tenderia, porém, a afirmar-se como a atividade económica mais relevante, em função da variedade da matéria-prima existente. Já Duarte Nunes de Leão, na *Descrição do Reino de Portugal*, publicada em 1610, exaltava os mármore vermelhos da Torre da Aguilha, na freguesia de S. Domingos de Rana.³ Também em 1758, o Cura Joaquim Coelho da Silva anotou que «os maiores lucros deste povo procedem da abundância de pedra de cantaria»⁴, que se traduziu na ascensão da figura do canteiro. Este mesteiral necessitava de uma carta de exame assinada por um júri do Senado de Lisboa e da Casa dos Vinte e Quatro, como o atesta a certidão de ofício de canteiro em nome de Domingos dos Santos, de 8 de agosto de 1785, que Maria Micaela Soares destacou em *Saloios de Cascais: Etnografia e Linguagem*. O canteiro, natural de Tires e com «vinte e um anos, pouco mais ou menos», trabalhava «pelo dito seu ofício, com mestre Francesco Alho», razão pela qual o seu «bom e notório procedimento» o isentaria de se alistar como soldado.⁵

A importância desta indústria ainda se mantinha em 1873, quando Pedro Barruncho registou entre as pedreiras mais importantes do concelho as da Cruz d'El-Rei, Cai-Água (atual S. Pedro do Estoril), Parede, S. Domingos de Rana, Conceição da Abóboda, Abóboda, Figas, Murtal, Manique e Tires.⁶ Também Martinho Pereira Coutinho se referiu, no início do século XX, às muitas pedreiras em lavra e aos diversos tipos de pedra existentes, entre os quais se destacavam o mármore apinhado de Cascais, cor de mel e com muitos fragmentos de conchas; o mármore busano; o resistente mármore bastardo, acinzentado, com manchas roxas e brancas; ou o azulino de Cascais, pedra calcária de cor cinzenta azulada, com manchas castanhas claras e pontuações negras dispersas.⁷

A pedra do concelho foi escolhida para a pavimentação da Rua Nova dos Mercadores, já no final do século XV, sendo, para o efeito, transportada em carros de bois até Carcavelos e Paço de

² J. Diogo Correia, *Toponímia do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal, 1964. P. 53.

³ Cf. Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal*. Lisboa: [s.n.], 1610. P. 45.

⁴ IAN/TT/Memórias Paroquiais/S. Domingos de Rana, fls. 41-42. Cf. João Miguel Henriques, *Cascais em 1755: Do terramoto à reconstrução*. Cascais: Câmara Municipal, 2005. P. 224.

⁵ Apud Maria Micaela Soares. *Saloios de Cascais: Etnografia e linguagem*. Cascais: Câmara Municipal, 2013. P. 196.

⁶ Cf. Pedro Barruncho, *Apontamentos para a história da vila e concelho de Cascais*. Lisboa: Tipografia Universal, 1873. P. 69.

⁷ Cf. Martinho de França Pereira Coutinho, *A cultura no concelho de Cascais*. Lisboa: Tipografia e Litografia de A. F. Barata, 1900. P. 23.

Arcos e daí em barcos rumo a Lisboa, o mesmo sucedendo aquando da reconstrução da capital depois do terramoto de 1755. A beleza e qualidade dos mármore de Cascais motivaram a sua utilização em inúmeras obras, como, por exemplo, na magnífica ara que em 1529 se produziu para a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Lisboa; ou no interior da Capela de Manique de Baixo, do século XVII, mas sobretudo nos magníficos altares da Basílica de Mafra. **Também em Tires, a Capela de Nossa Senhora da Graça, de traça simples e linha barroca, que deve remontar ao século XVIII, traduz a riqueza da pedra e do trabalho dos canteiros locais.** Na sua fachada destaca-se uma porta de ombreiras retas com decoração vegetalista na base e uma verga com motivos geométricos rematada por uma cornija saliente, onde assenta uma janela emoldurada com volutas.



2. Cascais | 1820
IGP IDENTIFICAR TIRES

O recenseamento eleitoral de 1908 atesta a relevância da atividade dos canteiros na freguesia de S. Domingos de Rana, onde 60,9% dos homens arrolados eram trabalhadores da produção industrial, na sua maioria canteiros, a que se sucedia, em termos de importância, a agricultura e a pecuária, que ocupavam 22,5% dos eleitores e o comércio, com 7,7% dos recenseados.⁸ Em Tires deparamo-nos, assim, com 32 canteiros, 9 trabalhadores, 4 carpinteiros, 4 lavradores, 3 sapateiros, 2 proprietários, 1 carreiro, 1 comerciante, 1 ferreiro, 1 industrial, 1 merceeiro, 1 pedreiro, 1 torneiro e 1 vendedor.

O trabalho do canteiro, que José Luís Tomé Sabido descreve como a «pessoa que trabalha a pedra em todas as suas vertentes»⁹, era multifacetado, executando simples lancis para estradas ou peças de nível artístico surpreendente, encontrando-se, por essa razão, muitos testemunhos da sua atividade por todo o concelho, nomeadamente em igrejas, casas, fontes, cruzeiros, estátuas ou jazigos. Aos canteiros mais habilitados eram confiados os trabalhos mais delicados, como peitoris, soleiras, colunas, bases, fustes, capitéis, balaustres e cimbalhas. Os restantes, incluindo os aprendizes, tratavam dos socos, ombreiras, vergas e pias de despejo.

Por esta altura, **«a execução das cantarias era feita manualmente com a ajuda da maceta, escopros de dentes ou lisos, ponteiros, picões, escodas de dentes ou lisas, bojardões e bojardas»**, sendo as pedreiras das Coveiras – expostas em ambos os lados do caminho que ligava Tires a S. Domingos de Rana – um dos principais bancos de pedra do concelho, entre as quais se destacavam, em tons amarelados, o chamado “pão de milho” e em tons mais escuros, o “vergalhão”. **Todavia, muitos dos canteiros de Tires trabalhavam em oficinas da capital e em pedreiras de Sesimbra. Era, assim, habitual seguirem a pé de Tires até Oeiras, onde apanhavam o comboio das 7h10, que passou a ser conhecido por “comboio dos canteiros”!**

A preponderância dos canteiros estimulou o associativismo de classe, com a fundação da Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores, em 1914 e da Associação de Classe da Construção Civil e Artes Correlativas de Parede e

⁸ Cf. AHMCSC/AADL/CMC/G/001, 1908.

⁹ José Luís Tomé Sabido. *Op. cit.* P. 9.

Arredores, a 28 de abril de 1919¹⁰. Já a **1 de maio de 1919** nasceria uma outra associação que apesar de não ser de classe jamais deixou de apoiar os seus associados, na sua maioria profissionais da extração e preparação da pedra: o **Grupo Recreativo de Bandolinistas 1.º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires**, depois apelidado de Grupo Musical Recreativo 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires.¹¹



3. Canteiros | c. 1920

AHMCSC/AESP/CNM/2978 – Coleção Albertino Sabino Moreira

A escassa documentação disponível acerca da história de Tires permite-nos perceber que **ainda no início do século XX a localidade se ressentia da falta de infraestruturas, nomeadamente ao nível das vias de comunicação, do abastecimento de água, do saneamento e da iluminação pública, o mesmo sucedendo no que concerne à assistência e ao ensino**. Desta forma, a 30 de agosto de 1905 a Câmara Municipal deliberaria mandar proceder aos reparos necessários na estrada que atravessava Tires, apreciando, a 19 de dezembro de 1905 e a 2 de outubro de 1906, ofícios do Administrador do Concelho acerca da necessidade de reparação da fonte pública da localidade.¹²

A extração e preparação de pedra nem sempre foi isenta de polémica, como o denuncia a discussão havida em sessão da Câmara Municipal, a 24 de agosto de 1910, acerca da necessidade de reposição no seu estado anterior de um «caminho carreteiro» que ligava Tires à igreja de S. Domingos de Rana e «que sejam abandonados os terrenos baldios ocupados na exploração de pedreiras no mesmo caminho»¹³. Neste sentido, a 7 de setembro desse ano a edilidade decidiria intimar todos os exploradores a abandonar os terrenos municipais e «a colocarem no seu estado primitivo, dentro de trinta dias, os caminhos e terrenos municipais».¹⁴

As necessidades de comunicação de Tires com as localidades vizinhas reforçar-se-iam, razão pela qual a **5 de março de 1914 a Comissão Executiva da Câmara Municipal decidiu proceder ao estudo de uma via que ligasse o Zambujal à Estrada Municipal de Tires e ainda de uma outra de S. Domingos de Rana a Tires**, pelo «caminho velho». O mesmo sucederia ao nível do ensino, visto que a 21 de maio desse ano, a edilidade tomou conhecimento de um pedido da Junta de Paróquia de S. Domingos de Rana para a abertura de uma escola em Tires, que viria a subsidiar. Já a 6 de abril de 1916 seria informada de que a Junta de Paróquia escolhera um edifício de Francisco Jorge Caniço para a instalação da escola, cujas obras de adaptação estavam concluídas a 6 de julho.

¹⁰ Apesar de esta ser, supostamente, a data oficial, a associação já funcionava a 6 de abril de 1918, de acordo com uma relação de associações de classe do distrito de Lisboa, que consta entre a correspondência recebida pela Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana. Cf. AHMCSC/AADL/JFSDR/B/003, 6 de abril de 1918.

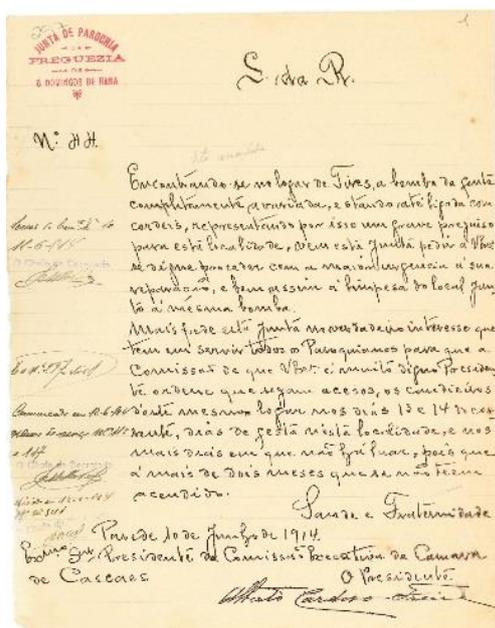
¹¹ Cf. Ana Margarida Silva; Paula Duarte, *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*. [S.l.: s.n.], 1991.

¹² AHMCSC/AADL/CMC/B-A/001, 19 de dezembro de 1905 e 2 de outubro de 1906.

¹³ AHMCSC/AADL/CMC/B-A/001, 24 de agosto de 1910.

¹⁴ AHMCSC/AADL/CMC/B-A/001, 7 de setembro de 1910.

Detetamos, também, que ainda antes da fundação da primeira associação de Tires a questão da sociabilização já se afigurava relevante, como o denuncia um ofício enviado pela Junta de Paróquia de S. Domingos de Rana à Câmara Municipal de Cascais a 10 de junho de 1914, para que **«ordene que sejam acesos os candeeiros deste mesmo lugar [de Tires] nos dias 13 e 14 do corrente, dias de festas nesta localidade e nos mais dias em que não há luar, pois que há mais de dois meses que se não têm acendido»**.¹⁵ Já então Tires comemorava o Santo António com festa!



4. Ofício remetido pela Junta de Paróquia de S. Domingos de Rana à Câmara Municipal de Cascais acerca da iluminação em Tires por ocasião das festas de Santo António | 10 de junho de 1914
AHMCSA/AADL/CMC/C-A/002

A 16 de agosto de 1917, período em que o concelho se ressentiria, à semelhança do resto do país, das consequências da Grande Guerra, a Câmara Municipal apreciou correspondência da Administração do Concelho informando-a de que grassava em Tires uma epidemia de tifo, que a 31 de agosto atingiria ainda mais fortemente a localidade. Neste contexto, a 14 de novembro, a Associação de Classe dos Operários de Construção Civil do Concelho de Cascais enviou uma carta à Câmara Municipal de Cascais informando-a de que **«as associações da construção civil de Cascais, Parede e Tires»** haviam decidido **«levar à prática um bando precatório para socorrer às vítimas das febres que grassam com intensidade nos arredores de Parede»**.¹⁶ O associativismo assumia, assim, mais uma vez, papel de destaque na resolução dos problemas que afetavam as comunidades locais.



5. Vivenda Caniço, onde funcionou o estabelecimento comercial da Família Moreira, dede 1883 e a escola primária de Tires | c. 1900
Col. Guilherme Cardoso

¹⁵ AHMCSA/AADL/CMC/C-A/002, 10 de junho de 1914.

¹⁶ AHMCSA/AADL/CMC/C-A/002, 14 de novembro de 1917.

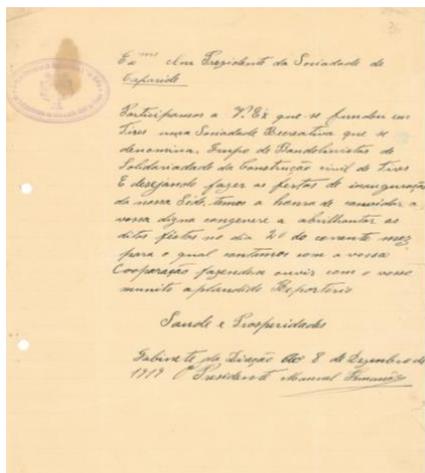
Em dois importantes relatórios produzidos pela Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana, na sequência de uma visita que promovera em janeiro e março de 1926 a diversas localidades, anota-se que a «**extensa e acidentada povoação de Tires**»¹⁷ reclamava uma nova sala de aulas, visto que a existente se afigurava «**acanhadíssima para o número de crianças que a frequentam**», bem como a **arborização da estrada junto à ponte e largo**. A carência de serviços de assistência médica era igualmente criticada pela população, pelo que a 14 de junho de 1927, em carta dirigida à Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana, se comunica o projeto de constituição de uma comissão de melhoramentos que «**pensa [...] criar no lugar de Tires um posto médico com o fim humanitário de prestar socorros a quem deles precise, tanto da povoação como dos arredores**».

1919 – FUNDAÇÃO DO GRUPO RECREATIVO DE BANDOLINISTAS 1.º DE MAIO DA SOLIDARIEDADE DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE TIRES

1 de maio de 1919

Filipe Borges, Manuel Fernandes e Duarte Tomé Flores, operários de Tires ligados à indústria da extração da pedra, fundaram o Grupo Recreativo de Bandolinistas 1.º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires, de modo a propiciarem entretenimento aos habitantes da localidade nas suas poucas horas vagas. Desta forma, já a 8 de dezembro enviariam uma carta à Troupe União 1.º de Dezembro Caparidense solicitando apoio para a inauguração da sede da coletividade que cerca de três anos depois se passou a designar Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires.

Encontraria nos canteiros os seus maiores defensores, pois, como já se registou, nesta época a principal atividade dos homens de Tires era, para além da agricultura, a extração e processamento da pedra, trabalho cuja dureza fomentaria um espírito de comunhão que também se materializou ao nível do associativismo. Note-se, contudo, que no «Livro da Inscrição de Sócios» mais antigo, infelizmente não datado, os sócios registados não são os mesmos, associando-se à data da fundação os nomes de Filipe Borges, Francisco Emiliano Xavier, Carlos Luís Sabido, Severino Gaspar, José António Teodoro e José Anastácio Rato. Refira-se, ainda, que a primeira mulher a surgir nesta lista de sócios seria Judite Salvador da Costa, admitida a 21 de julho de 1965.



6. Convite dirigido pelo Grupo Recreativo de Bandolinistas 1.º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires à Troupe União 1.º de Dezembro Caparidense para inauguração da sua sede | 1919
AHMCSC/AASS/TUDC/B/002

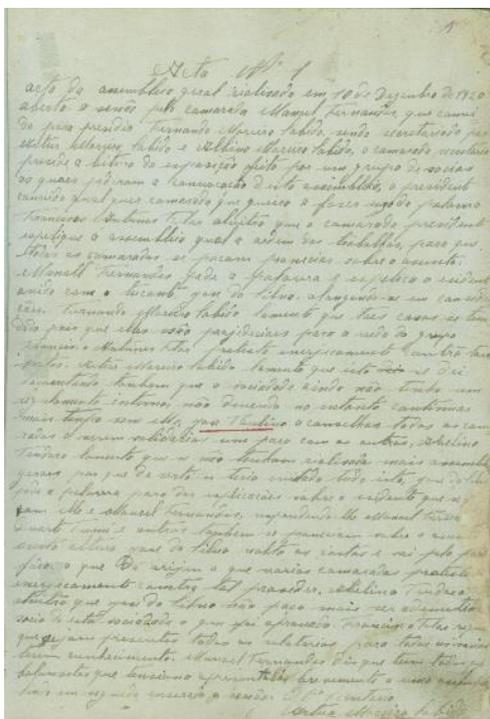
¹⁷ AHMCSC/AADL/CMC/C-A/002, 24 de janeiro e 11 de março de 1926.

10 de dezembro de 1920

A ata mais antiga que se conhece de uma Assembleia Geral, presidida por Fernando Moreira Sabido, secretariada por Artur Moreira Sabido e Albino Moreira Sabido e convocada na sequência de um incidente não explicitado com um «tocante», atesta a **importância da música para o desenvolvimento do Grupo, que contaria com elementos formados em associações de localidades vizinhas, como Caparide ou Manique de Baixo**. Avelino Teodoro «lamenta que não tenham realizado mais assembleias gerais, porque decerto se teria evitado tudo isto», anotando-se que estas situações, «prejudiciais para a vida do Grupo», poderiam ser evitadas por meio da criação de um regulamento interno e aconselhando-se «todos os camaradas a serem solidários uns para com os outros».

A palavra «camarada» seria incessantemente registada nos documentos do arquivo do Grupo, mesmo durante o Estado Novo, quando passou a ser associada ao comunismo e Tires foi rotulada pelas autoridades policiais enquanto «terra de vermelhos», como recorda Evaristo Domingues, na edição de 13 de maio de 1981 do *Jornal da Costa do Sol*. Esta realidade parece dever-se às difíceis condições de trabalho dos canteiros, que constituíam o mais ativo grupo socioprofissional da localidade e à consequente projeção da Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores, fundada em 1914, tendo por fim «o estudo e a defesa dos interesses económicos comuns aos seus sócios».

Note-se que em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, Serafim Tomé dos Santos recorda que «**todos os anos do Dia do Trabalhador tocava-se o hino do 1.º de Maio, coisa que nenhuma outra orquestra do concelho fazia. Mesmo no tempo de Salazar não deixavam de prestar homenagem aos trabalhadores. Sabiam de antemão que estavam a ser vigiados e que era preciso ter cuidado com o que diziam, mas nunca foram proibidos de tocar**».



7. 1.ª ata de Assembleia Geral do Grupo | 10 de dezembro de 1920
AHMCS/AASS/GRDT/A/001

15 de outubro de 1921

O relatório das Festas de Santo António promovidas pelo Grupo regista uma receita de 88\$51. **A sede funcionava, então, num barracão que se alugava por 1\$50 mensais a Joana Maria Sabido, a quem também se pagava «para fazer a limpeza».** Depois de pintada e adornada transformar-se-ia no salão de festas da localidade, aí se promovendo bailes quinzenais das 20 horas à 1 da manhã, apoiados por um bufete. De acordo com informação compulsada na edição de dezembro de 2016 de *Solidariedade: Boletim Informativo do Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires*, localizava-se «a nascente do atual Pavilhão Serafim Tomé dos Santos, sobranceiro ao mesmo, no interior dum pátio que, mais tarde, ficou conhecido pelo “Pátio do Lenine”, por aí ter nascido e vivido Lenine Antunes Flor», neto da senhoria.

15 de dezembro de 1921

O Grupo decidiu organizar um baile no dia de Natal com a participação de três músicos e autorizar a cedência da sede para a comemoração do aniversário da Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores, com a qual manteria excelentes relações e cujas funções viria a assegurar parcialmente após a sua extinção. Num dos documentos do arquivo da Associação de Classe, que atualmente integra o arquivo do Grupo, consta um panfleto, supostamente de 1922, em que se pode ler: «Camaradas, a Associação dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores, para comemorar esta data trágica para nós, operários, resolveu distribuir o presente manifesto e convidar a classe trabalhadora em geral a comparecer na próxima segunda-feira, 1 de maio, às 15 horas (3 da tarde), na sede do Grupo Solidariedade da Construção Civil de Tires, onde se deve realizar uma imponente sessão explicativa do 1.º de maio, e de propaganda, na qual deverão fazer uso da palavra delegados da Federação Nacional da Construção Civil e da C. G. T. e outros. **Não falteis, pois, à sessão, para assim se demonstrar à burguesia que o dia 1.º de maio é o dia em que os produtores de toda a riqueza social se manifestam solidariamente. Que todos os trabalhadores compareçam em massa a esta sessão. Viva a organização operária mundial!**». Fica, assim, explicado o simbolismo da data que continua a integrar o nome do Grupo.

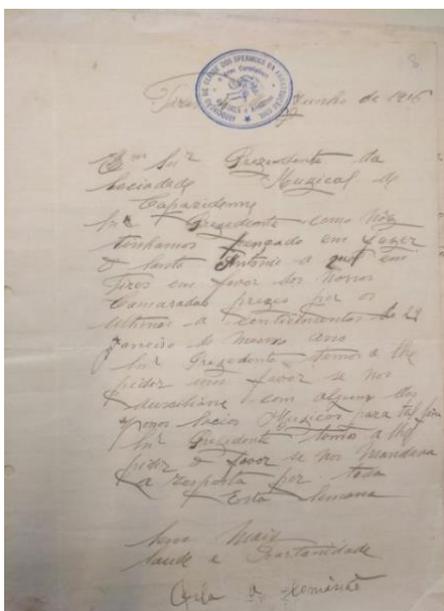


8. Convite para «sessão explicativa do 1.º de maio» | 1922
AHMCS/AASS/GRDT/CADTA/A/003

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE TIRES E ARREDORES

A Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores foi fundada em 1914, de modo a estudar e defender os «interesses económicos comuns aos seus sócios», que tinham de ser operários assalariados da construção civil e artes correlativas do concelho de Cascais. De acordo com os estatutos, a associação, «quando julgar oportuno, fundará uma cooperativa, uma biblioteca e aulas para os sócios e seus filhos e promoverá sessões de propaganda associativa». Note-se, porém, que «sendo-lhe interdita toda a discussão política, a associação não poderá aderir a qualquer partido ou organização política, nem tomar parte em qualquer congresso dessa natureza». Da mesma forma, qualquer associado que «seja investido de um mandato político não poderá exercer cargos na Associação».

Ainda assim, esta norma estatutária nem sempre foi cumprida, como o denuncia, a 10 de janeiro de 1926, *A Voz Republicana*, ao noticiar que a Associação aprovara uma «moção de protesto contra as deportações sem julgamento e contra as prolongadas prisões sem culpa formada», na sequência de «interessantes discursos defendendo largamente o sindicalismo revolucionário e escapelizando as iniquidades, as mentiras e os preconceitos da sociedade burguesa».¹⁸ Refira-se que já a 17 de junho de 1916 o Grupo Recreativo de Bandolinistas 31 de janeiro de 1913 de Manique de Baixo saíra «reunido a convite da Associação de Tires para tocar no baile que se realizou [...] no lugar, em benefício dos camaradas presos pelos últimos acontecimentos de 29 de janeiro do mesmo ano»¹⁹. A atividade política da Associação parece, pois, ter sido recorrente, uma vez que este evento foi promovido na sequência dos assaltos a diversos estabelecimentos comerciais em Lisboa que resultaram em conflitos com a Guarda Nacional Republicana, rusgas em bairros operários e diversas detenções. Estes distúrbios viriam, mesmo, a conduzir à dissolução da União Operária Nacional, da União dos Sindicatos Operários de Lisboa e das Federações Metalúrgica e da Construção Civil, com a qual a Associação mantinha contactos privilegiados.



9. Convite dirigido pela Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores à Troupe União 1.ª de Dezembro Capariense acerca de festa «a favor dos nossos camaradas presos por os últimos acontecimento de 29 de janeiro» | 4 de junho de 1916
AHMCS/AASS/TUDC/B/002

¹⁸ *A voz republicana*. 10 de janeiro de 1926. P. 2.

¹⁹ João Miguel Henriques, coord., *Cascais: Associações com História: 1888-1941*. Cascais: Câmara Municipal, 2018. P. 66.

De forma a poder apoiar os sócios impossibilitados de trabalhar por motivo de doença, a Associação estaria na génese da fundação, a 1 de janeiro de 1925, da Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores, cuja primeira Assembleia Geral decorreria a 16 de maio desse ano para a aprovação de estatutos, não obstante a discussão de «várias considerações sobre alguns artigos [...] espinhosos»... Já a 4 de julho seriam «aprovadas novas propostas para sócios para a Caixa e para o Sindicato», designação pela qual era conhecida a Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores, o que comprova o paralelismo da gestão destas duas associações, que partilhavam sócios e dirigentes, à qual se associaria também, muitas vezes, o Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Solidariedade Operária de Tires.



10. Antiga sede da Associação de Classe, no Pátio do Lobet
Col. Guilherme Cardoso

A Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores **cessou atividade em 1934, quando os sindicatos livres foram oficialmente proibidos, entrando em vigor o Estatuto Nacional do Trabalho, imposto pelo Estado Novo.** O que restou do seu arquivo integra, hoje, o arquivo do Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, que viria a assumir a gestão das “assinaturas para operários”, pelo menos desde 1936.

5 de janeiro de 1922

Na sequência de discussão em torno do estado financeiro do Grupo decidiu-se aumentar a quota dos sócios de \$30 para \$40 mensais, assim como passar a pagar 8\$00 ao mestre e conceder 10% do valor das quotas aos cobradores. Já a eleição dos corpos gerentes para o ano em curso se traduziria na seguinte organização: «Presidente, Joaquim Emiliano; Tesoureiro, Filipe Borges; Secretário, Albino Moreira Sabido; Conselho Fiscal, José Doroana, José da Silva e Fernando Moreira Sabido; Diretor do Grupo, Domingos Francisco Ricardo».

22 de fevereiro de 1922

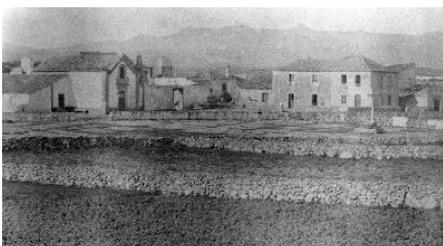
Discutiu-se em Assembleia Geral a aquisição de um gasómetro, que não se concretizaria pelo facto de haver «objetos de mais necessidade, como seja bancos, cadeiras e uma secretária», para além da urgência das «reparações a fazer na sala». Encontrando-se referência à organização de um «bufete para os dias de Carnaval», reconheceu-se, contudo, «a falta que houve [...] em não se ter feito o arrendamento nas devidas condições, para não se dar o caso que se está vendo, que é a senhoria estar na disposição de levantar a renda». Entretanto, **o Grupo revelaria a sua vocação assistencial, promovendo espetáculos em benefício de sócios necessitados, como sucedeu com «o camarada José Moreira Sabido».**

19 de março de 1922

O Grupo continuava sem estatutos, registando-se em ata da Assembleia Geral que «em uma assembleia transata tinha sido nomeada uma comissão para mandar empreçar [sic] os

estatutos e para elaborar um regulamento», que «até hoje ainda não o fez». A renda da sede passou, então, a ser de 3\$00 mensais, comprometendo-se a senhoria a «não aumentar mais a renda, nem despedir [sic] sem acabar o prazo de 10 anos e descontando na renda a importância gasta nos concertos».

Decidiu-se igualmente que fosse «proibido assistir aos ensaios a todas as pessoas que não sejam sócias, a não ser que venham acompanhadas por qualquer sócio e este se responsabilize pela sua conduta durante o dito ensaio. Isto para evitar a falta de respeito que ultimamente se tem notado, o que muitas vezes prejudica os alunos»... Determinar-se-ia, por fim, que **«os porteiros cumpram com o seu dever, não permitindo a entrada a quem não for sócio sem pagar o respetivo bilhete, a não ser que seja de fora do sítio e que venha em companhia de qualquer sócio no gozo dos seus direitos, devendo as portas conservar-se fechadas».**



11. Tires | c. 1900
Col. Guilherme Cardoso

Em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, Serafim Tomé dos Santos refere-se ao antigo sistema de iluminação da sede, que funcionava a carbureto, recordando que **«estava a sala iluminada com dois ou três pavios durante a noite. Aquilo até era interessante, porque os namorados estavam sempre desejando que houvesse pouca luz na sala** porque, naquele tempo, o rapaz só conseguia dar um beijo na sua namorada passado seis meses de namoro. E mesmo assim tinha de ser à escondida dos pais. [...] Mais tarde veio, então, a luz a petróleo, através dos candeeiros chamados petromax. Esses candeeiros estiveram muitos anos em atividade».

6 de abril de 1922

Aquando da discussão dos moldes em que deveria decorrer a festa de aniversário do Grupo decidiu-se «levar à prática uma sessão solene feita por camaradas da CGT [Confederação Geral do Trabalho] e da FCC [Federação Nacional da Construção Civil] e realizar-se um certame de fados». A sua ligação ao movimento sindicalista tornava-se, pois, evidente, reforçando-se por meio de ações de solidariedade, como sucederia a 6 de julho de 1923, quando, a pedido de «Germano Teodoro que, encontrando-se doente, pedia a solidariedade do Grupo», se deliberou em Assembleia Geral «realizar no próximo domingo, 15 um bando peditório [sic] em Trajouce, Abóboda e Tires e à noite efetuar um baile cujo produto liquido reverta em auxílio do dito camarada».

26 de agosto de 1922

A ata da Assembleia Geral refere-se às «Festas de Junho», que se transformariam num dos eventos de referência promovidos pelo Grupo.

6 de julho de 1923

Na sequência de convite da Comissão de Cultura e Propaganda do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, o Grupo decidiu colaborar num passeio de confraternização em Cascais, a 22 de julho, cujas receitas reverteriam para as escolas a cargo desse sindicato.

12. IMAGEM ARQUIVO DA QUINTA – A OBTER
IMAGEM ARQUIVO DA QUINTA – A OBTER

15 de novembro de 1923

Apreciou-se uma moção em que se refere que «este Grupo foi constituído com o principal objetivo de prestar toda a solidariedade a qualquer sócio que do mesmo necessite», tendo também por fontes de rendimento a música e o teatro. **Decidiu-se, então, aumentar a quota mensal para \$70 e que o Grupo Dramático, que parecia necessitar de incentivo, fosse «desde já constituído [...] de camaradas que dele queiram fazer parte, devendo da cotização do grupo sair 10 por cento das despesas a fazer**, isto em harmonia com o parágrafo único do artigo 4.º dos estatutos», documento que não conhecemos e parece nunca ter sido aprovado. Aberta a inscrição «dos camaradas que querem fazer parte do Grupo Dramático», este passou a contar com Manuel Anastácio Rato, Manuel Fernandes, Artur Moreira Sabido, Fernando Moreira Sabido, João Francisco Cândido, Lourenço Luís Sabido, Heliodoro Moreira Sabido, Domingos Ricardo, Francisco Xavier Emiliano e Duarte Tomé.

Em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, Serafim Tomé dos Santos relembra que «**O Grupo cénico, tal como a orquestra, era constituído por pessoas da terra. Os atores eram, na sua maior parte, analfabetos. No entanto este facto não era fonte para atrapalhão. Eles decoravam os papéis e de tanto ensaiar sabiam-nos de cor, no momento de exibição ao público, mas de vez em quando, agarrados à muleta: a muleta era o ponto de regra**». Note-se que «o fundador e ensaiador do Grupo Cénico foi Artur Moreira Sabido. Este sim, possuía mais conhecimentos. Era um bocado evoluído. Chamavam-nos saloios, mas havia cá gente evoluída. Era ele quem preparava os discursos aqui na sociedade».

21 de dezembro de 1923

No âmbito da comemoração do «10.º aniversário da fundação do Sindicato da Construção Civil» autorizar-se-ia a cedência da sala do Grupo, assim como a sua colaboração na organização da festividade. Domingos Laurentino foi eleito Presidente da Direção para 1924.

29 de março de 1924

De forma a evitar-se a falta de participação dos sócios nas Assembleias Gerais decidiu-se que «**doravante quando seja convocada qualquer Assembleia e que a mesma não se realize por falta de número não se abra a porta para realizar bailes enquanto se não realizar a Assembleia e se resolva o que haja a resolver**».

16 de abril de 1924

O Grupo decidiu aceder ao pedido de apoio da Troupe União 1.º de Dezembro Caparidense para que «aí fosse realizar uma festa», registando em ata da Assembleia Geral que o benefício promovido a favor do camarada Fernando Moreira Sabido, a 22 de março, tinha rendido 360\$85.

10 de maio de 1924

O Mestre Oliveira pediu demissão, decidindo-se convidar o Mestre Álvaro dos Santos, de Cascais, para o substituir. Deliberou-se igualmente que depois das Festas de Junho os bailes passassem a ser mensais.

13. IMAGEM ARQUIVO DA QUINTA – A OBTER
IMAGEM ARQUIVO DA QUINTA – A OBTER

5 de julho de 1924

O Grupo decidiu prestar auxílio a Miguel Augusto, que se encontrava doente, por meio da organização de uma récita.

9 de agosto de 1924

Regista-se no livro de atas da Assembleia Geral que as Festas de Junho haviam rendido 318\$00. A partir desta data a quota mensal passou a ser de 1\$00.

18 de dezembro de 1924

Anota-se em ata «a vontade por parte de rapazes e raparigas para que o baile continue a ser de 15 em 15 dias», que contava com a aprovação do Mestre. Avelino Teodoro foi, então, eleito Presidente da Direção para 1925.

1 de janeiro de 1925

Fundação da Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores, cuja ata da Assembleia Geral mais antiga que se preserva remonta a 16 de maio de 1925. A quotização semanal dos sócios asseguraria o pagamento de um salário de substituição a todos os que ficassem impedidos de trabalhar por motivo de doença, subsidiando também os operários considerados inaptos após um ano de baixa.

CAIXA DE AUXÍLIO NA DOENÇA DOS OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE TIRES E ARREDORES

A Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores, **fundada a 1 de janeiro de 1925, instalou-se inicialmente numa casa alugada no Alto de Tires.** José Casquilho, canteiro de 47 anos residente em Manique, inscrito a 1 de janeiro de 1925, seria o

sócio n.º 1, a quem até ao final desse ano se juntariam mais 60 camaradas, pelo que em 1942 a Caixa já dispunha de 93 associados.

Na Assembleia Geral da Caixa de 13 de fevereiro de 1943 os sócios congratular-se-iam pelo facto de se ter conseguido «adquirir uma sede própria para a Sociedade» com o apoio do Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, com «um Gabinete dentro desta coletividade, [...] onde podemos ter as nossas reuniões e [tratar de] todos os assuntos», ainda que José Luís Tomé Sabido, em *Tires, Terra de Canteiros*, refira que funcionava «clandestinamente num gabinete, dado que, na altura, não existia, ainda, segurança social»...

Não obstante, o seu funcionamento na sede do Grupo seria, por vezes, contestado, como se regista na ata da Assembleia Geral de 21 de março de 1953, quando «o camarada José Bexiga diz que o Gabinete foi feito dentro da Coletividade com boa harmonia entre todos [os] sócios e que não acha razão para que se proceda da maneira como se está a proceder»... Já a 7 de janeiro de 1956 a Caixa decidiria atribuir 500\$00 ao Grupo, «em virtude de o gabinete onde está instalada a sede deste nosso organismo ter recebido melhoramentos [...] pagos pela dita coletividade». Também a 12 de janeiro de 1963 se aprovou a concessão de um empréstimo ao Grupo para «ajuda das obras», na condição de este «reservar um gabinete dedicado só à Caixa». Ainda assim, a Caixa viria a cessar a sua atividade pouco depois, registando-se na ata da última Assembleia Geral, a 13 de janeiro de 1968, que estava «na iminência de fechar».

N.º	Nome	Morada	Data	Idade	Sexo	Profissão	Estado	Outros
1	Jos. Bexiga	Lu. Mourão	1/1/1925	42	Homem	Arquiteto	solteiro	
2	Ant. Jacura Sabido	Lu. Mourão		34	Homem	Arquiteto	solteiro	
3	Ant. Teodoro	Lu. Mourão		31	Homem	Arquiteto	solteiro	
4	Jos. de Sá	Lu. Mourão		33	Homem	Arquiteto	solteiro	
5	João Américo	Lu. Mourão		30	Homem	Arquiteto	solteiro	
6	Ant. Mourão	Lu. Mourão		35	Homem	Arquiteto	solteiro	
7	João Carlos	Lu. Mourão		33	Homem	Arquiteto	solteiro	
8	Francisco de Sá	Lu. Mourão		28	Homem	Arquiteto	solteiro	
9	Ant. Mourão	Lu. Mourão		21	Homem	Arquiteto	solteiro	
10	Jos. Mourão	Lu. Mourão		20	Homem	Arquiteto	solteiro	
11	Francisco Mourão	Lu. Mourão		27	Homem	Arquiteto	solteiro	
12	Francisco Mourão	Lu. Mourão		26	Homem	Arquiteto	solteiro	
13	Francisco Mourão	Lu. Mourão		24	Homem	Arquiteto	solteiro	
14	Francisco Mourão	Lu. Mourão		22	Homem	Arquiteto	solteiro	
15	Francisco Mourão	Lu. Mourão		20	Homem	Arquiteto	solteiro	
16	Francisco Mourão	Lu. Mourão		20	Homem	Arquiteto	solteiro	
17	Francisco Mourão	Lu. Mourão		18	Homem	Arquiteto	solteiro	
18	Francisco Mourão	Lu. Mourão		17	Homem	Arquiteto	solteiro	
19	Francisco Mourão	Lu. Mourão		16	Homem	Arquiteto	solteiro	
20	Francisco Mourão	Lu. Mourão		15	Homem	Arquiteto	solteiro	
21	Francisco Mourão	Lu. Mourão		14	Homem	Arquiteto	solteiro	
22	Francisco Mourão	Lu. Mourão		13	Homem	Arquiteto	solteiro	
23	Francisco Mourão	Lu. Mourão		12	Homem	Arquiteto	solteiro	
24	Francisco Mourão	Lu. Mourão		11	Homem	Arquiteto	solteiro	
25	Francisco Mourão	Lu. Mourão		10	Homem	Arquiteto	solteiro	
26	Francisco Mourão	Lu. Mourão		9	Homem	Arquiteto	solteiro	
27	Francisco Mourão	Lu. Mourão		8	Homem	Arquiteto	solteiro	
28	Francisco Mourão	Lu. Mourão		7	Homem	Arquiteto	solteiro	
29	Francisco Mourão	Lu. Mourão		6	Homem	Arquiteto	solteiro	
30	Francisco Mourão	Lu. Mourão		5	Homem	Arquiteto	solteiro	

14. Registo de sócios da Caixa de Auxílio na Doença | 1925
AHMCS/GRDT/B/002

O arquivo da Caixa integra hoje o arquivo do Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires.

17 de janeiro de 1925

Nomeação de uma comissão para a comemoração do aniversário do Grupo «que deverá antes disso realizar festas para angariar fundos para a compra de um estandarte». Avelino Teodoro, por não concordar com um alvitre aprovado na Assembleia Geral, pediria a demissão do cargo de Presidente, sendo substituído por Francisco Xavier Emiliano.

30 de maio de 1925

O Grupo aceitou a um convite para atuar em Manique de Baixo, na sede da coletividade local.

27 de fevereiro de 1926

Domingos Ricardo foi eleito Presidente da Direção, cargo em que voltaria a ser reconduzido a 19 de março do ano seguinte.

19 de março de 1927

O Grupo decidiu ceder a sede ao Grupo Dramático os Excursionistas de Porto Salvo para a promoção de uma festa em seu benefício. Criticar-se-ia, então, em ata o Mestre pela sua falta de assiduidade e «os músicos porque têm limitado a sua ação a fazer os bailes e nada mais», registando-se, ainda, que «muitos camaradas que se têm inscrito como praticantes, [...] quando chegam à altura de comprar os instrumentos abandonam o grupo». Tornava-se, assim, «necessário dar vida ao Grupo, pois que assim não pode continuar»!

25 de maio de 1927

Por ocasião da organização das Festas de Junho, decidiu-se que a música ficaria a cargo da Sociedade Musical União Paredense, a 11 de junho; da Troupe União 1.º de Dezembro Caparidense, a 12 de junho e do próprio Grupo, no dia de Santo António.



15. Cilindro de pedra utilizado pelo Grupo para nivelar o terreno onde se realizavam os bailes das Festas de Santo António, c. 1930
GRDT [FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE](#)

6 de setembro de 1928

O Grupo decidiu aceitar o convite para atuação numa festa promovida pela Estudantina Recreativa de S. Domingos de Rana, no mesmo dia em que aprecia em Assembleia Geral um ofício da Troupe União 1º de Dezembro Caparidense «sobre um conflito havido entre aquela sociedade e este grupo».

27 de fevereiro de 1929

Anota-se em ata da Assembleia Geral que o Grupo subsidiava, sempre que possível, a compra de instrumentos, cuja propriedade mantinha até ao seu pagamento integral por parte dos sócios. Para além dos bailes quinzenais, os bailes de Natal, da Páscoa, do Carnaval e de Santo António transformar-se-iam em momentos-chave da sociabilização dos habitantes de Tires.

Em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, Serafim Tomé dos Santos recorda que «**Todos os anos, na noite de Santo António havia a marcha até à fonte. Forma-se uma fila com cinquenta pares e havia uma inscrição para entrar na marcha: 10 tostões. Depois era arranjar uma dama e lá iam todos de braço dado.** Cada um arranjava o seu par que normalmente eram os parzinhos de namorados. Quem não tinha namorado tinha de conseguir um par qualquer. Os namorados de braço dado e a música a tocar, tudo às escuras até à fonte. Levavam-se uns archotezinhos mas isso não luzia nada. Chegando à fonte dançava-se lá um bocado e depois dispersavam-se. Cada um ia para casa e acabava a dança».



16. Grupo musical | 1930
AHMCS/AASS/GRDT

15 de fevereiro de 1930

Artur Moreira Sabido foi eleito Presidente da Direção. Nesta data, o Grupo apreciou também correspondência da Administração do Concelho de Cascais solicitando a apresentação do seu alvará e estatutos, em cumprimento de uma portaria publicada no *Diário do Governo*, uma vez que «nenhuma associação poderá funcionar sem possuir o seu alvará e a vistoria da Inspeção-Geral dos Teatros».

Não obstante o meticuloso processo de limitação da liberdade de atuação das associações promovido pelo Estado Novo, **os primeiros estatutos do Grupo só viriam a ser aprovados a 28 de setembro de 1935, sem que as autoridades tivessem entretanto entravado a sua atividade. O regime toleraria, assim, a existência de uma coletividade com o nome do Dia do Trabalhador e que se associava a mecanismos cooperativos como a Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores ou a comissão que facilitava o pagamento de “assinaturas para operários” na linha de Cascais.** O Grupo apoiaria igualmente uma comissão que funcionou até aos finais da década de 50 para todos os anos vestir e calçar crianças desfavorecidas.

8 de dezembro de 1930

Na sequência de obras na sede, a renda mensal foi fixada em 50\$00 mensais. Anotar-se-ia, então, que «**agora temos a necessidade de forrar a casa, pois que já está preparada para isso**

e fazer um guarda-vento para isolar os mirones, porque quem quiser gozar terá que pagar»! As obras seriam aprovadas na Assembleia Geral de 16 de dezembro desse ano.

23 de julho de 1932

Martes [sic] Luís foi eleito Presidente da Direção. **O Grupo deliberou, ainda, «a compra de vários instrumentos de que alguns alunos estavam a necessitar e os quais não lhes era possível adquirir», bem como promover bailes extraordinários, cujas entradas serão custeadas por quem pretender dançar.** A receita seria destinada ao pagamento de um saxofone, «o qual ficará sempre sendo propriedade da sociedade».



17. Saxofone | c. 19

GRDT **FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE**

14 de maio de 1933

Em Assembleia Geral, Jorge Duarte referiu-se à **«conveniência de se lembra[r] as senhoras que nada têm que se entremeterem [sic] na vida da socieda[de]», decidindo-se «afixar na sala avisos nesse sentido».** O machismo da época tornar-se-ia igualmente evidente a 25 de fevereiro de 1934, quando se rejeitou uma proposta para «as damas frequentadoras da sociedade poderem ser sócias como qualquer cavalheiro». Não obstante, Artur Moreira Sabido recordaria que «essa proposta não é nada de novo, pois que na sociedade já houve» senhoras, facto que não conseguimos apurar, pois no registo de sócios mais antigo que se preserva Judite Salvador da Costa, admitida a 21 de julho de 1965, é a primeira mulher a constar na lista.

25 de fevereiro de 1934

A Direção vigente foi reeleita. Regista-se, ainda, em ata da Assembleia Geral, que «um grupo de músicos pelo Carnaval tiraram 229\$50, importância que oferecem para a compra de um violino para Heliodoro Moreira Sabido, sendo considerado propriedade sua enquanto fizer parte do Grupo».

4 de agosto de 1934

Anota-se em ata da Assembleia Geral que a receita líquida das Festas de Junho foi de 1.027\$55, chamando-se «a atenção de todos os executantes para que tenham um bocado de capricho para que o nosso grupo te[nha] probabilidade de ser um dos melhores do concelho». Decidiu-se igualmente que a 19 agosto uma comissão de meninas promoveria um baile destinado a adquirir um estandarte para o Grupo.

2 de fevereiro de 1935

Manuel Moreira foi eleito Presidente da Direção.

17 de fevereiro de 1935

O Presidente da Direção enviou uma carta à Sociedade Estoril solicitando facilidades na concessão de passes, pois «tendo esta coletividade alguns dos seus associados operários que trabalham em Lisboa e que como operários que são não lhe é possível conseguir juntar a importância necessária para poderem tirar a seu cargo uma assinatura», muito útil seria que lhes «fosse permitido tirar assinaturas pagando semanalmente, [...] assumindo esta Coletividade a inteira responsabilidade pela pontualidade do pagamento». De acordo com Carlos Teixeira, Guilherme Cardoso e Jorge Miranda, em *Registo fotográfico da Freguesia de S. Domingos de Rana e alguns Apontamentos Histórico-administrativos*, esta regalia fora concedida em 1919 à Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores e «terminou em 1934, com o desaparecimento da associação, que foi então substituída pelos sindicatos». O Grupo assegurou a gestão desta mais-valia até 1961, quando a Sociedade Estoril passou a propiciar a todos os clientes a compra de bilhetes semanais.



JUNTAR ESTAÇÃO DE OEIRAS

18. + 19. Estações da Parede e de Carcavelos, c. 1900. O Grupo apoiaria os sócios operários por meio da aquisição de assinaturas de comboio mais económicas a partir de 1935

AHMCS/AESP/CJSF/[PAR 010](#) e [CAR 060](#)

14 de setembro de 1935

O *Jornal de Cascais* noticia: «Promovidos pelo Grupo Musical e Dramático Solidariedade Operária de Tires realizaram-se, nos dias 31 de agosto e 1 de setembro, grandiosos bailes no recinto onde houve as Festas de Junho, os quais foram muito concorridos e animados, sendo abrilhantados, respetivamente, pelo Grupo Instrução Musical de Manique de Baixo e pelo Grupo Musical e Sportivo do Murtal. No dia 1, às 15 horas, realizou-se o já tradicional “Pic-Nic” no aprazível “retiro” das regueiras, sendo extraordinariamente concorrido e decorrendo no meio da maior alegria. Foi uma tarde de verdadeira confraternização operária. Era já noite quando toda aquela gente, levando à frente o seu grupo musical, se dirigiu para o recinto onde se dançou animadamente».

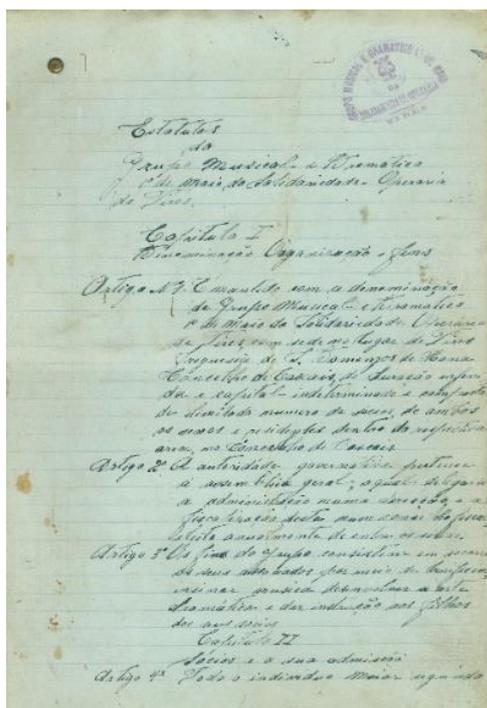
28 de setembro de 1935

Aprovação dos mais antigos estatutos conhecidos deste Grupo, «com sede em Tires, freguesia de S. Domingos de Rana, Concelho de Cascais, de duração in[de]finida e capital indeterminado e composto de ilimitado número de sócios, de ambos os sexos e residentes dentro da respetiva área, no concelho de Cascais».

ESTATUTOS

De acordo com os estatutos de 28 de setembro de 1935, o Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires **tinha por missão «socorrer os seus associados por meio de benefícios, ensinar música, desenvolver a arte dramática e dar instrução aos filhos dos seus sócios»**. Neste documento anota-se, ainda, que «sendo-lhe interdita toda a discussão política, o Grupo não poderá advir a qualquer partido ou organização política, nem tomar parte em qualquer congresso dessa natureza».

Note-se que a 3 de fevereiro de 1936 a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana dirigiria novo ofício ao Administrador do Concelho de Cascais, informando-o de que «em dezembro do ano findo foi entregue pelo Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires a cópia dos estatutos do mesmo grupo».



20. Estatutos do Grupo | 28 de setembro de 1935
AHMCS/AASS/GRDT/A/001

2 de fevereiro de 1936

Francisco Damásio José foi eleito Presidente da Direção.

14 de março de 1936

Na sequência da proposta de Raul Duarte Moreira para se «preparar uma casa para sede do Grupo», que deveria ser igualmente alugada, **«foi por unanimidade reconhecida a necessidade**

que existe em possuir uma sede em melhores condições, mas também a impossibilidade de a sociedade poder arcar com mais esse encargo». Heliodoro Moreira Sabido propôs, então, que se equacionasse a construção de uma sede própria, decidindo-se, de imediato, «acertar na forma de levarmos à prática uma inspiração que de há muitos anos está latente no pensamento de muitos sócios». Em suma, «avante pois!» Para o efeito seria nomeada uma comissão composta por Artur dos Santos, Domingos Martins Luís, Heliodoro Moreira Sabido, Manuel Moreira e José António Teodoro.

Remonta a esta data a primeira referência à «comissão de assinaturas a cargo desta coletividade», para a qual foram nomeados Artur dos Santos como secretário, Artur Moreira Sabido como tesoureiro e Domingos José Paulino como cobrador. Nesta ata de Assembleia Geral encontramos, ainda, uma referência ao contexto internacional, quando «Artur Sabido diz que oxalá que o dia 14 de março, dia em que [em] Londres se reúne o Conselho da Sociedade das Nações [se] possa resolver sobre a questão da guerra, que é o mesmo que dizer sobre a sorte dos povos que são sempre os sofredores»...

1 de agosto de 1936

Na sequência do pedido de demissão do Mestre Álvaro dos Santos, o Grupo convidou o Mestre Costa Pinto para o substituir, por 130\$00 mensais.

10 de setembro de 1936

O Grupo enviou um requerimento à Câmara Municipal de Cascais solicitando «o terreno necessário com área de 1.000 m² pertencente a essa Câmara» para a construção de «uma casa para a sua sede», obrigando-se a «concluir a construção dentro do prazo de três anos, findos os quais sem estar concluída a obra o terreno reverterá para a Câmara com as benfeitorias que nele porventura existam», o mesmo sucedendo se o Grupo for dissolvido. Note-se que, sendo cedido a «uma instituição de utilidade pública, pois concorre para a instrução musical do povo», o terreno «não tem qualquer utilidade para essa Câmara, nem o seu aproveitamento nos termos requeridos causa qualquer prejuízo ao público».

18 de setembro de 1936

Em sessão da Câmara Municipal de Cascais aprovou-se por unanimidade a cedência gratuita ao Grupo de um terreno municipal de 1.000 m² no sítio do Lageal, em Tires, para a construção da sua sede, encarregando-se a Repartição de Engenharia de elaborar a planta do referido terreno, «a fim de se organizar o respetivo processo de cedência nas condições em que é pedido».

9 de janeiro de 1937

Artur Moreira Sabido comunicou à Assembleia Geral que a imprensa noticiara que a Câmara Municipal de Cascais havia aprovado a cedência de um terreno para a construção da sede do Grupo, questão que parecia, assim, ainda não estar resolvida. Nesta data Filipe Tomé foi eleito Presidente da Direção, cargo no qual seria reconduzido a 15 de fevereiro de 1938.

14 de janeiro de 1939

Ernesto Teles Teodoro foi eleito Presidente da Direção. Com vista à edificação da sede, o Grupo resolveu, então, adquirir a Francisco Luís Faneca, por 400\$00, um lote de terreno com a área de 800 m², «o qual se destacará da sua terra que confina do Nascente e Sul com caminho, Norte com João Tomé e Poente com regato». A 1 de abril decidir-se-ia comprar, antes, 930 m², entregando-se, pouco depois, a obra a Jerónimo de Oliveira, «construtor civil, autor do projeto da casa, o qual se oferece[u] para assumir o termo de responsabilidade e administrar a mesma sem remuneração alguma».

1 de abril de 1939

O grupo musical foi criticado, decidindo-se «chamar a atenção dos músicos que andam arredios para que regressem aos seus lugares, pois que não é só a construção da sede que nos interessa. É necessário que o Grupo Executante também tenha o valor necessário para cumprir o seu dever».



21. Lançamento da primeira pedra da nova sede do grupo. Em primeiro plano, Filipe Borges | 1939
AHMCSC/AASS/GRDT

1 de maio de 1939

Lançamento da primeira pedra da nova sede do Grupo, cuja obra contou com o trabalho braçal e voluntário dos associados, aos domingos. Como se descreve na edição de agosto de 2017 de *Solidariedade: Boletim Informativo do Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires*, «Às mulheres, também elas solidárias com a causa, cabia o abastecimento de água, necessária às amassaduras da construção, e ajuda no transporte da pedra da pedreira para a obra». **A edificação progrediu rapidamente, não obstante a 15 de fevereiro de 1941 um ciclone ter feito desabar uma das paredes.** Em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em

Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, Serafim Tomé dos Santos recorda que «Toda a massa associativa chorou»!



22. Grupo musical | c. 1940
AHMCS/AASS/GRDT

13 de janeiro de 1940

Martes [sic] Luís foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucederia, a 1 de fevereiro de 1941, Guilherme Rato.

20 de dezembro de 1942

Inauguração provisória da sede, em toSCO, com o chão da sala ainda em terra. No ano seguinte todas as atividades do Grupo transitariam para o edifício, apesar de a 31 de março de 1945 se pedir «para se dar adiantamento à obra para se meter o teto na nova sede». **Em 1948 pavimentar-se-ia o “recinto” em terreno anexo, que facilitou a promoção de atividades ao ar livre. O edifício apenas foi concluído em 1951.**



23. Fachada da sede
GRDT **FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE**

20 de fevereiro de 1943

Domingos Martes [sic] foi eleito Presidente do Grupo.

9 de agosto de 1943

A Sociedade Recreativa Musical de Carcavelos convidou o Grupo para «abrilhantar um dos seus bailes» com o seu «competentíssimo jazz».

4 de março de 1944

Teodósio de Oliveira foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucedeu, a 27 de janeiro do ano seguinte, Avelino Teodoro.

31 de março de 1945

Discutiu-se em Assembleia Geral a forma de «se dar adiantamento à obra para se meter o teto na nova sede», decidindo-se nomear uma comissão para o efeito.

2 de fevereiro de 1946

Filipe Borges foi eleito Presidente da Direção, a quem se se sucedeu Serafim Tomé, a 8 de fevereiro do ano seguinte e Raul Costa, a 24 de janeiro de 1948, dia em que a quota foi aumentada para 2\$50 mensais.



24. Grupo Cénico | 1947

Col. José Luís Sabido **VOLTAR A DIGITALIZAR TENDO POR BASE O ORIGINAL QUE SE ENCONTRA NA SEDE**

14 de fevereiro de 1948

Em Assembleia Geral, o «camarada Heliodoro Sabido leu o relatório de contas da sede, que ficou aprovado», nomeando-se os seguintes membros para a Comissão de Obras: «carpinteiros: Manuel Moreira, Aires Duarte, Manuel Catita; pedreiros: Martes Luís, Joaquim das Neves e Manuel Borges; canteiros: José da Silva, Filipe Borges; pintor: Salvador Delgado; Luís Pinto, secretário Heliodoro Sabido».

29 de janeiro de 1949

Joaquim Maquinista foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucedeu, a 28 de janeiro de 1950, Joaquim das Neves.

12 de maio de 1950

O jornal *A Nossa Terra* regista que no âmbito das comemorações do 32.º aniversário do Grupo foi descerrada uma **lápide com os nomes dos sócios fundadores. AINDA EXISTE?**

No livro de registo das atividades da Banda de Música, entre os «Grupos que vieram durante o ano 1950 à nossa Sociedade» constam os de Abóboda, Alvide, Barcarena, Caparide, Porto Salvo, Rana e Trajouce. Já entre as «Saídas do nosso Grupo Musical para outra coletividade no ano de 1950» se registam as visitas a Abóboda, Alcabideche, Barcarena, Caparide, Carcavelos, Janes e Malveira, Porto Salvo, Queijas, Rana e Trajouce. Finalmente, no que concerne a «instrumentos entregues àqueles que tocam aos bailes e saídas», constam Estevão Teodoro (trompete), Aníbal dos Santos (sax tenor), António dos Santos Silva (sax alto), Jorge José Paulino (sax alto), Sisenando Tomé Sabido (sax clarinete), Manuel Antunes de Almeida (clarinete), João

Luís (banjo de acompanhamento), Laurentino (banjo de acompanhamento), José (banjo de corda), Jaime Carlos Sabido (jazz) e Francisco Borges (trombone).

Como recorda Serafim Tomé dos Santos, em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, «Eram as tais permutas que existiam naquele tempo, mais reais e mais puras. Não se pagava a um conjunto. Só os maestros é que eram pagos, um tanto por ensaio e um tanto por saída. Os músicos, esses apenas tinham direito, durante o intervalo, a um copo de vinho e a uns bolos. Tinham, muitas vezes, de fazer longos percursos com os instrumentos às costas. Era uma mentalidade bem diferente da atual. Tudo era feito por amor, neste caso, à música».



25. Lápide evocativa dos sócios fundadores do Grupo | 1950

GRDT **É MESMO ESTA? ESTÁ DATADA DE 1951 E NÃO TEM OS NOMES DOS FUNDADORES...** FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE

14 de abril de 1951

Os «artistas amadores do Grupo Dramático de Tires» apresentaram na Sociedade Musical Sportiva Alvidense «o emocionante drama em 3 atos *Um homem de honra*».

16 a 18 junho de 1951

Num ano marcado pela conclusão da sede do Grupo organizar-se-iam os «tradicionalis festejos a Santo António nos dias 16, 17 e 18 de junho [...], com o brilhantismo que lhe é habitual» e «esmerado serviço de bufete com mariscos». Já a 5 de agosto se promoveu uma «prova ciclista para a categoria de Populares, denominada Circuito de Tires, feito em 5 voltas no total de 45 km, ao percurso de Tires, Abóboda, Trajouce, Manique e Tires» a que se seguiu um baile abrilhantado pelo seu Grupo Musical. Todavia, o maior momento de sociabilização parece ter sido o «Grande Pic-Nic de confraternização operária», organizado a 2 de setembro, «à sombra de frondosos ulmeiros num aprazível retiro sito nas Regueiras, Tires, onde se come, brinca, ri e dança ao som duma formidável orquestra».



26. Programa do «grande pic-nic» organizado pelo grupo | 1951
AHMCS/AASS/GRDT/B/001



27. Programa dos Festejos de Santo António | 1951
AHMCS/AASS/GRDT/B/001



30. Programa de espetáculo na Sociedade Musical Sportiva Alvidense que contou com a colaboração dos amadores do Grupo | 1951 AHMCSC/AASS/GRDT/B/001

10 e 24 novembro de 1951

O Grupo promoveu dois «formidáveis bailes» com «categorizadas orquestras»: o Baile das Colchas e o Baile das Cores, em que se atribuíam «valiosos prémios», respetivamente à «colcha mais votada» e «ao cavalheiro e à dama que se apresentem [...] com a gravata e o vestido mais igual à cor duma amostra sorteada». Já a 28 de outubro organizou uma *soirée* com fados, teatro e «baile abrilhantado pela Troupe Jazz da Coletividade». A 13 de janeiro do ano seguinte conduziria, ainda, um «Grandioso espetáculo de variedades por amadores do nosso Grupo».

No livro de registo de atividades da banda de música assinala-se que durante este ano a coletividade recebeu, pelo «sistema de troca», atuações dos grupos musicais da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Alcabideche e de Barcarena, assim com das suas congéneres de Caparide, Linda-a-Velha, Manique de Baixo, Porto Salvo, Rebelva, Talaíde e Trajouce. Já o conjunto musical do Grupo atuou na Abóboda, Alvide, Barcarena, Caparide, Manique de Baixo, Porto Salvo, Rebelva, Talaíde e Trajouce. No inventário de instrumentos musicais registam-se, então, 3 banjos, 2 banjos de acompanhamento, 3 clarinetes, 1 flauta, 1 flautim, 1 jazz bateria, 3 sax altos, 1 sax tenor, 1 trombone, 2 trompetes e 4 violinos.

Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da
Solidariedade Operária de

TIRES

A Direcção desta colectividade prossequindo nas suas
grandes realizações leva a efeito

2—Formidáveis Bailes—2

Nos dias 10 e 24 de Novembro de 1951
nos quais brilharão os acordes musicais de

2-Categorizadas Orquestras-2

SÁBADO, 10 — às 21,30 horas — **BAILE DAS COLCHAS** no qual
colabora a **Orquestra Terceira**, incontestável orquestra que dispensa
adjectivos, pois é já conhecida no Concelho de Cascais.
Às 24 horas será atribuído um veloso prémio à colcha mais votada.

SÁBADO, 24 — às 21,30 horas — **BAILE DAS CÔRES** no qual cola-
bora a **Orquestra Monte Carlo**, orquestra conhecida e bastante apreciada
nas melhores casas de Lisboa. Às 24 horas serão atribuídos 2 velosos prémios
ao cavalheiro e à dama que se apresentem respectivamente com a gravata e o
vestido mais igual à cor duma amostra sortada.

**Grandes surpresas! Mais velosos prémios! Grande animação!
Magnífica música! Esmerado serviço de bufete!**

Tip. A. Aguiar de Cascais, Lda. — R. Alexandre Heróides, 21 — Fone. 118 — 220 es. — TI-937

31. Programa de bailes no Grupo | 1951
AHMCS/AASS/GRDT/B/001

Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da
Solidariedade Operária de

TIRES

DOMINGO, 28 DE OUTUBRO DE 1951
Sobres às 21,30 horas

O Relêvo de 1951

A Direcção tem a honra de apresentar pela 2.ª vez, atalhado oitav pacífico
dos seus associados

Um grandioso espectáculo de

FADOS E VARIEDADES

E O ENDOCRANTE
E O DRAMA

Uma Paixão que Revive

De Antónia Maria fazenda actor das temporadas dramáticas: PERDIÇÃO À SAÚDE, O CANGÃO DO UBERAYO, O HOMEM DO SAO e outros

I PARTE
FADOS no grande palco e outros comédicos
Olga Mariz as grandes das temporadas
Trabalho da sua vida no teatro de todos
Carlos Nunes

VARIEDADES por
Fredillo Mariz
nos seus números, O Malhada e Espantoso
António M. Fernandes
no número cómico, Incrédulo e Sim no teatro
Um disco com as duas irmãs MARIZ

II PARTE
Interpretação de 2.ª mão com de Antónia Maria
Uma Paixão que Revive
Interpretação de Antónia Maria
ERLINA MARIZ ANDRÉ M. FERNANDES CARLOS NUNES
com os seus números

TITULOS DAS CENAS
I. Um submundo em 3.ª mão — 2.º acto em 3.ª mão
II. O homem do Saio — 3.º acto em 3.ª mão
III. Uma noite no teatro — 4.º acto em 3.ª mão
IV. O homem do Saio — 5.º acto em 3.ª mão
V. O homem do Saio — 6.º acto em 3.ª mão
VI. O homem do Saio — 7.º acto em 3.ª mão
VII. O homem do Saio — 8.º acto em 3.ª mão
VIII. O homem do Saio — 9.º acto em 3.ª mão
IX. O homem do Saio — 10.º acto em 3.ª mão

Reza de Alvo Duarte
Colaboração: João Soares
Acompanhamento a guitarra por
Joaquim Sanches
e a viola por
Luiz Balzé

Este programa é de cerca de 45 representações
desde início de Fevereiro até à data
Em fim de tarde **BAILE** abilitado pelo
Tempo livre da Colectividade

Esmerado serviço de bufete
Instituição mantida de fados no Gabinete de Direcção
Este programa pode ser alterado por qualquer
razão imprevista

Tip. A. Aguiar de Cascais, Lda. — 20 es. — TI-937

32. Programa de fados e variedades organizados pelo Grupo | 1951
AHMCS/AASS/GRDT/B/001

19 de janeiro de 1952

Em Assembleia Geral, «o camarada Salvador dos Santos pede para dois sócios mais velhos explicarem [...] aos sócios mais novos porque é que a Caixa de Auxílio na Doença tem um gabinete [...] no [...] edifício» da sede do Grupo, registando-se em ata que a esta coexistência remonta à construção da sede, «tendo a Caixa contribuído com uma certa importância» para a obra. Carlos Xavier seria, então, eleito Presidente da Direcção, nomeando-se Carlos Moreira da Costa e Alberto João Azeredo Ferreira para a elaboração de uma proposta de estatutos.

15 de março de 1952

Aprovação dos estatutos e regulamento interno do Grupo, que já haviam sido impressos a 16 de fevereiro, pela Tipografia Cardim. Esta «sociedade puramente recreativa» passou a ter por objetivo a «cultura musical e dramática», o «recreio aos seus associados e família» e «criar uma biblioteca para ilustração dos sócios, quando as suas forças materiais o permitirem». Note-se, ainda assim, que «no caso de dissolução [...] os fundos existentes serão vendidos em hasta pública em benefício dos pobres de Tires», o que denuncia as preocupações de ordem social que sempre demonstrou.

6 de dezembro de 1952

O jornal *A Nossa Terra* anota que se realizou «no dia 16 do mês findo, na sede [...], com grande concorrência e animação, uma sessão solene para a inauguração de um novo estandarte adquirido por uma comissão de meninas».



33. Estandarte do Grupo
GRDT

17 de janeiro de 1953

Carlos Moreira da Costa foi eleito Presidente da Direção.

26 de fevereiro de 1953

Nas atas da Direção regista-se que se «Apresentou o Sr. Camilo Rentini a pedir a casa para [poder] exhibir um espetáculo no dia 15 de março, [n]o qual será apresentado o *Amor de Perdição*, ficando a percentagem de 40%».

21 de março de 1953

Em ofício da Direção do Grupo dirigido ao Presidente da Assembleia da Caixa de Auxílio na Doença de Tires e Arredores acerca do gabinete que ocupava na sua sede regista-se que «se a Caixa se encontra dentro da sede da sociedade foi só porque os fundadores foram os mesmos homens, o que não basta; porque sempre foram e são ainda duas agremiações completamente independentes»...

16 de abril de 1953

A Direção aprovou a criação de uma biblioteca para sócios, «para engrandecimento cultural da nossa coletividade».

26 de setembro de 1953

O jornal *A Nossa Terra* refere que a 13 de setembro «uma comissão composta pelos Srs. Teodósio de Oliveira, Gervásio Cândido, Alberto Ferreira e Luís Tomé, [...] trabalhando em colaboração com a direção do Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, angariou os fundos necessários para vestir e calçar vinte crianças, dez de cada sexo, das mais necessitadas da localidade». Já a 18 de setembro do ano seguinte, em Assembleia Geral do Grupo de Beneficência, se decidiria que todos os anos fosse exposta numa das dependências da coletividade uma fotografia com as crianças apoiadas por esta iniciativa.

Note-se, porém, que a atividade não foi isenta de polémica, como se regista em ata, pois «o camarada Salvador Delgado [...] não é de acordo que haja qualquer ligação entre a Beneficência e a Sociedade», pedindo «o camarada sócio Humberto Augusto [...] que não se deem os exemplos [...] que se iam dando com a “Caixa”». Já para o camarada Manuel Almeida Dias «havendo qualquer união entre a Sociedade e a Beneficência podem dar-se quaisquer atritos, por a maior parte dos sócios da beneficência não pertencerem à coletividade com o decorrer do ano»...



34. Grupo de crianças vestidas pela Comissão de Beneficência de Tires | 1919
AHMCSC/AASS/GRDT



35. Grupo de crianças vestidas pela Comissão de Beneficência de Tires | 1919
AHMCSC/AASS/GRDT



36. Grupo de crianças vestidas pela Comissão de Beneficência de Tires | 1951
AHMCSC/AASS/GRDT



37. Grupo no Grande «Pic-Nic» | 1951
AHMCS/AASS/GRDT

16 de janeiro de 1954

Filipe Borges foi eleito Presidente da Direção, cargo que manteria em 1955.

25 de janeiro de 1954

A Direção decidiu solicitar orçamentos para a eletrificação da sede.

A INAUGURAÇÃO DA ILUMINAÇÃO ELÉTRICA EM TIRES

A 13 de março de 1954, na sequência de contactos estabelecidos com a Câmara Municipal, o Grupo discutiu a introdução da iluminação elétrica, água canalizada e esgotos na sede. Já a 7 de abril enviaria uma carta ao Chefe da Fiscalização das Indústrias Elétricas da Zona Sul para «lhe apresentar um programa das festas que se realizam nesta coletividade no próximo domingo dia 11 do corrente por ocasião da inauguração da luz elétrica nesta povoação, solicitando [...] especial favor de ordenar para que seja feita a fiscalização à instalação elétrica da nossa coletividade, pois que sem a vossa digna aprovação a CRGE não nos coloca o contador e será bastante doloroso o facto de não termos nesse dia solene luz para receber as entidades oficiais».

A iluminação concretizar-se-ia a 11 de abril, como se registou no jornal *A Nossa Terra*: «Amanhã, dia 11, será inaugurada a luz elétrica em Tires. Para comemorar o facto, o Grupo Musical e Dramático de Solidariedade Operária de Tires promoverá diversos festejos, que principiarão às 17 horas». Foi, pois, na sede do Grupo que decorreu a cerimónia que tornou obsoletos os candeeiros a petróleo em Tires!



38. *A Nossa Terra* | 11 de abril de 1954
AHMCS/AEMP/JCS

15 de janeiro de 1955

Foi apresentado em Assembleia Geral o primeiro inventário dos bens da associação, discutindo-se, ainda, a aquisição de uma aparelhagem, «para ver se os rapazes novos se animam, visto andar-se sem novidades nenhuma». Faz-se também referência em ata ao médico «que vem dar consulta na nossa coletividade», outro dos benefícios que parece ter sido disponibilizado aos sócios. Nesta data Filipe Borges foi eleito Presidente da Direção.

9 de julho de 1955

O Grupo autorizou a prática de patinagem, desde «que não seja para meios desportivos e que não se forme qualquer grupo desportivo na modalidade». Seria recorrente a manifestação do receio de cisão da coletividade em função do desporto.

24 de outubro de 1955

A Direção refere-se no seu livro de atas às «obras em curso». Desta forma, «verificando-se que não havia dinheiro para satisfazer a execução começada, pois que as janelas e portas se encontravam em pior estado de conservação do que parecia, [...] deliberou a [...] Direção pedir um empréstimo e como tal foi pedida em nome de Filipe Borges (Presidente) a quantia de 8.000\$00».

14 de janeiro de 1956

Jorge José Paulino foi eleito Presidente da Direção, no mesmo dia em que no livro de atas da Assembleia Geral encontramos referência a «um grande mal tradicionalmente conhecido no grupo musical: [...] a questão de um ou dois elementos provocarem a retirada de três ou quatro, arrastando-os inconscientemente ao erro». Já a 28 de janeiro, «Filipe Realista, diretor da Sociedade, confirma que os músicos procuram entregar os instrumentos sem ação justificada».

19 de maio de 1956

A Assembleia Geral aprovou a compra de um novo aparelho de rádio.

19 de janeiro de 1957

O Grupo decidiu ceder a sede, por um mês, para um curso de costura da Singer. Nesta mesma data, Silvano Ricardo foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucederia Duarte Sabido, a 11 de janeiro do ano seguinte.



39. Turma do curso de Bordados da Singer | 1957
AHMCSC/AASS/GRDT

22 de dezembro de 1958

O Grupo enviou ao Governo Civil do Distrito de Lisboa um pedido de aprovação dos seus novos estatutos, em que se apresentava como uma «sociedade puramente recreativa».

10 de janeiro de 1959

Augusto Marques foi eleito Presidente da Direção.

25 de abril de 1959

Um dos associados reclamou contra o facto de nos bailes as mulheres tenderem a dançar com mulheres. Todavia, o conjunto musical do Grupo acabaria por desmembrar-se pouco depois. Nessa data foi também nomeada uma comissão de obras para a ampliação da sede e «apresentado à Assembleia o caso da carta da sociedade de S. Domingos de Rana, pedindo à nossa o reatamento de relações». De acordo com Filipe Borges, «quando se fez pela primeira vez o Piquenique já não havia relações entre as duas coletividades, por motivo de alguns músicos abandonarem o nosso grupo e irem para S. Domingos de Rana, sem darem satisfação aos sócios, fundando, assim, a coletividade de S. Domingos de Rana». Seguiu-se, depois, «o caso do Piquenique, que [...] agravou mais a situação, por motivo de alguns sócios da sociedade de S. Domingos participarem da nossa coletividade [...] não pagar [a]o Governo Civil». Neste contexto, «o camarada Manuel Doroana dá o alvitre [para] que se fazendo as pazes com os de S. Domingos [...] se fizesse[m] também com as outras coletividades que estão de relações cortadas com a nossa». Todavia, «caso sejam elas as culpadas, que procedam da mesma forma da de S. Domingos, ou seja, pedirem à nossa o reatamento de relações».

31 de julho de 1959

Nomeação de uma comissão para a compra de uma televisão. Note-se que «não prejudicando o movimento coletivo terá [...] o dever de abrir [n]a sede todos os dias o programa de televisão, na qual terá um bufete completamente à parte do existente da coletividade, assim como vários jogos [...]. As entradas serão pagas pela quantia de \$50 por cada rifa por pessoa, tendo direito a prémio designado pela respetiva comissão». **No livro de registo de atividades da banda de música assinala-se que durante este ano a coletividade recebeu atuações das suas congéneres de Abóboda, Bicesse, Caparide, Leceia, Linhó, Manique, Morelena, Rebelva e S. Domingos de Rana, cuja visita retribuiu, deslocando-se igualmente a Porto Salvo.**



40. Estante utilizada pela banda do Grupo | c. 1960
AHMCS/AASS/GRDT/A/001 **FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE**

16 de janeiro de 1960

Filipe Martinho foi eleito Presidente da Direção.

21 de janeiro de 1960

A Direção decidiu realizar a 6 de fevereiro o Baile do Barrete Verde, convidando para o efeito «a orquestra de Leceia». Deliberaria também adquirir um relógio despertador e 10 bolas de laranjinha.

13 de fevereiro de 1960

A Direção do Grupo deliberou expor o projeto das obras na sede, «para que os sócios tenham conhecimento para depois entrar na Câmara». Já a 13 de março de 1960 se anota em ata da Assembleia Geral que «no que consta a obras ficou o camarada Manuel Doroana, Carlos Moreira da Costa e Alfredo Antunes Flor de ir ter uma consulta à Câmara para o mesmo fim».

18 de fevereiro de 1960

O Grupo decidiu organizar uma excursão de forma a «acompanhar o nosso Grupo Musical a Leceia».

24 de setembro de 1960

A Assembleia Geral da Comissão de Beneficência regista em ata que «foram beneficiadas 20 crianças conforme a tradição».



41. Banda do Grupo | 19 [redacted]
AHMCSC/AASS/GRDT

14 de janeiro de 1961

Herculano da Silva foi eleito Presidente da Direção do Grupo.

27 de junho de 1961

A Direção do Grupo decidiu organizar provas de atletismo e de ciclismo, a 30 de julho. Os velocipedistas teriam de vencer 5 voltas no acidentado percurso Tires-Manique-Bicesse-Livramento-Caparide-Tires.

6 de outubro de 1961

«A Direção da nossa coletividade convocou esta Assembleia em virtude do Senhor Presidente da Câmara ter visitado a nossa sede» e de ter considerado que esta necessitava de reparações, «tendo ficado a Direção de entregar uma carta à Câmara para expor o caso das obras». Carlos

Moreira da Costa, «a quem está [...] entregue o respetivo projeto de ampliação na nossa sede, [ficou] de entregar até ao fim do corrente ano o projeto para se dar início às respetivas obras».

7 de novembro de 1961

A Direção discutiu a forma de «enfeitar a sala», decidindo, para o efeito, «comprar balões de diversas cores e para o Baile do Balão dar como prémio ao cavalheiro uma garrafa e outra à dama». Deliberou igualmente «ceder a Sala à Comissão da Televisão no dia 19 do corrente para ver se eles acabavam de pagar a televisão».

20 de janeiro de 1962

Raul Sabido foi eleito Presidente da Direção.

13 de março de 1962

A Direção enviou «convites para os grupos musicais de Porto Salvo, Talaíde e Rebelva para os bailes de Santo António, respetivamente em 9, 10 e 11 de junho de 1962. Em seguida também se oficiou [...] o conjunto Noite de Melodia para fazer o Baile da Pinha».

Mapa das obras da colectividade
até 31 de Dezembro de 1966

Pagamentos efetuados		302.022,46
Ofertas		
em Dinheiro	20.312,50	
Trabalho superior a	23.554,70	23.554,70
Material	22.416,50	22.416,50
Contas a crédito para futuro pagamento	2.138,50	2.138,50
Em prémios	38.461,30	
Saldo Devedor	59.959,80	
Total das Ofertas superiores a	66.277,70	
Total dos trabalhos executados		369.550,80

Nota: As ofertas equivalentes a cerca de 10% (10%) de obra realizada. Vila Concórdia

42. Mapa dos trabalhos das obras da sede | 1962-66
AHMCS/AASS/GRDT

2 de julho de 1962

Projeto de ampliação da sede do Grupo, da autoria do arquiteto Domingos Rebelo. A memória descritiva refere-se à ampliação do salão e à criação de acessos laterais, «por não ser possível um acesso central, como seria de admitir num edifício desta natureza, dadas as limitações do logradouro em relação à rua». Salienta-se, ainda, a criação de uma sala com bar destinada a jogos de mesa que possa funcionar diariamente e de forma independente do restante edifício, assim como de camarins, lavabos distintos, um gabinete para a Direção e uma cabine para projeções. Destaca-se também a elevação do pé direito do edifício para dar ao salão «o desafogo que este requer e uma vez que há necessidade de substituir a cobertura». Construtivamente, pretendia-se respeitar ao máximo a sua estrutura e criar corpos laterais de simples execução, tendo também em consideração os «limitados [...] recursos que permitirão a execução desta obra».

Em balancete da Comissão de Obras, dirigida por Carlos Moreira da Costa e José Vicente Martinho, regista-se o início da obra a 18 de novembro de 1962, que contou com muitos dias

e horas de trabalho oferecidos por pedreiros, serventes, canteiros e carpinteiros. O mapa de obras regista que até 31 de dezembro de 1966 o total dos trabalhos executados alcançou 369.550\$80, contando com ofertas em dinheiro (20.312\$50), em trabalho (mais de 23.554\$70) e em materiais (22.410\$50). Note-se que as ofertas equivalem a 17,9% da obra realizada.

29 de setembro de 1962

Carlos Moreira da Costa informou a Assembleia Geral de «que já havia autorização para se começarem as obras, embora o projeto estivesse ainda na Câmara». Neste contexto, José Vicente Martinho informaria que «as obras já começaram com o dinheiro existente e depois se resolve o resto», pedindo para «o projeto ser posto para aprovação, o qual foi aprovado por unanimidade».

27 de julho de 1963

Regista-se em ata da Assembleia Geral que em função das obras «mais do que nunca a coletividade necessitava da contribuição de todos». No livro de registo de atividades da banda de música assinala-se que durante este ano a coletividade recebeu atuações das suas congéneres de Caparide, Laveiras, Manique, Outurela, Pero Pinheiro, Rebelva e S. Marcos. O Grupo retribuiu as visitas, deslocando-se, ainda, a Abóboda, Leceia, Mato-Cheirinhos, Portela e S. Domingos de Rana.



43. Procissão em Tires | 1964
Col. Guilherme Cardoso

18 de janeiro de 1964

Jorge Paulino foi eleito Presidente da Direção, decidindo-se, então, aumentar a quota de sócio para 5\$00.

26 de maio de 1964

A Federação Portuguesa das Coletividades de Cultura e Recreio enviou uma carta ao Governador Civil de Lisboa acerca da «constituição de uma nova coletividade denominada Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio, com sede em Tires», perdendo, assim, o Grupo a sua designação original. Os novos estatutos, aprovados em Assembleia Geral de 20 de maio de 1964 devido à necessidade de registo nessa Federação, reforçariam a sua atividade recreativa, que foi confirmada a 23 de junho, por alvará do Governo Civil do Distrito de Lisboa.



44. + 45. + 46. + 47. + 48. Marcha do Grupo atuando em Cascais | 1964
AHMCS/CAM/B/2099, 2980, 3005, 3017 e 3026

27 de junho, 18 de julho e 8 de agosto de 1964

A Marcha de Tires desfilou pelas ruas de Cascais, aquando das festas populares promovidas por ocasião do VI Centenário da Vila de Cascais.

22 de agosto de 1964

Em Assembleia Geral procedeu-se à «leitura dos novos estatutos, em substituição dos anteriores, que para fins de legalização da nossa sociedade tiveram de ser retificados nas normas das leis em vigor da Federação das Sociedades de Recreio, na qual o nome da nossa sociedade sofreu uma pequena modificação, passando de Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires em Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio». Passaria, assim, a «promover[-se] o recreio dos seus associados por meio de récitas, festas recreativas, saraus, bailes, jogos lícitos e teatro amador», definindo-se, ainda, que «a associação é completamente estranha a assuntos religiosos, não sendo permitida a discussão sobre eles dentro da sede». Nesta data decidiu-se igualmente solicitar «duas fotografias de cada sócio, para assim facilitar os trabalhos de arquivo e identificação».

16 de janeiro de 1965

Regista-se em ata da Assembleia Geral: «Seguiu-se a eleição de novos corpos gerentes para o ano em curso, o que não se conseguiu. Caso para lamentar, pois foi a primeira vez que aconteceu na nossa sociedade»...

23 de janeiro de 1965

Carlos Moreira da Costa foi eleito Presidente da Direção. Durante a Assembleia Geral, «o camarada Humberto Augusto perguntou ao Sr. Presidente da Assembleia para quem era o dinheiro cobrado pelo médico que vem fazer serviço à nossa sociedade, respondendo o Sr. Presidente da Assembleia que esse dinheiro era inteiramente da Câmara Municipal de Cascais, não havendo nada a reclamar, pois a casa foi posta à disposição da Câmara Municipal de Cascais para esse fim».

8 de maio de 1965

O *Jornal da Costa do Sol* regista que «Na tarde do dia 1 foi comemorado, na sua vasta sede – que ainda continua em obras – o 46.º ano de vida do popular Grupo Dramático e Recreativo 1.º de Maio».



49. Festa do 46.º aniversário do Grupo | 1965
AHMCSC/AASS/GRDT

19 de junho de 1965

Aprovação de um contrato com um empresário de cinema, que se traduziria na exibição de filmes no início de outubro na sede do Grupo, ainda que com alguns reveses, por «desinteligência, mau gosto nos filmes apresentados e [até] no mau funcionamento da máquina». Nesta data, o Grupo decidiu também criar a categoria de sócio auxiliar, para «indivíduos do sexo masculino ou feminino com menos de 15 anos, assim como pessoas do sexo feminino com maior idade», cuja quota foi fixada em 2\$50. Já os sócios com mais de 40 anos de associado passaram à situação de honorários.

Em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, Serafim Tomé dos Santos recordaria que **«Houve durante aproximadamente 22 anos um cinema privativo, de 64/65 até 1986. Para este efeito alugou-se uma máquina de projetar, que durante um ano exibiu uma série de filmes, permitindo mais tarde uma segunda máquina. Os filmes eram exibidos consoante a sua categoria: Aos domingos à tarde e à noite e às quartas-feiras à noite. Às quartas-feiras exibiam-se filmes de aventuras, como por exemplo de cowboys, do Tarzan e do Zorro, para aquela rapaziada chamada do pontapé e coice. Aos domingos eram filmes mais selecionados, mais culturais para pessoas de uma determinada idade. Com a chegada dos anos 70 começam a aparecer os filmes indianos. Quando o filme era de categoria a exibição estendia-se por 3 dias: sexta-feira à noite, sábado à tarde e ainda ao domingo»**.



50. Máquina de projeção | c. 19__
AHMCSC/AASS/GRDT FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE

5 de agosto de 1965

O Conselho Técnico da Inspeção de Espetáculos autorizou a ampliação da sede do Grupo, de modo a satisfazer «as exigências da população de Tires». O projeto, que remonta a 1962, tinha por objetivo tornar o salão mais amplo, elevando-o e dotando-o de corpos laterais de acesso, bem como construir um bar com jogos de mesa que pudesse funcionar independentemente, para além de camarins, lavabos, um gabinete para a Direção e uma cabine de projeção. Previa, ainda, que o logradouro fosse pavimentado com pedra serrada. Como a Direção-Geral dos Serviços de Urbanização solicitou a introdução de diversas alterações ao projeto, apenas a 8 de agosto de 1970, já depois de obtida a licença da Direção-Geral dos Serviços Hidráulicos, a Câmara Municipal emitiria a licença de construção.



51. Grupo de crianças vestidas pela Comissão de Beneficência de Tires | 19__
AHMCSC/AASS/GRDT

21 de outubro de 1965

A Direção de Urbanização de Lisboa enviou ofício de resposta ao ofício expedido a 15 de maio de 1965 solicitando o auxílio financeiro do Estado para a conclusão da sede do Grupo, em que se regista que se mandou «anotar a obra para inclusão em futuro Plano de Melhoramentos Urbanos, devendo o valor de comparticipação, quando esta for concedida, incidir apenas sobre

a parte da obra ainda não executada». Em informação anexa, a obra é justificada pela «necessidade de dispor a povoação de uma sala de espetáculos para seu recreio, onde possa simultaneamente promover-se a reunião dos habitantes e a realização de festas». Regista-se, ainda, que «a entidade peticionária não apresentou estimativa, nem mapa de acabamentos, pelo que o valor indicado é suscetível de sofrer alterações sensíveis, conforme o tipo e qualidade dos acabamentos que vier a ser escolhido. O projeto, de baixo nível técnico, precisaria de ser cuidadosamente revisto e completado».

23 de outubro de 1965

Inauguração do cinema do Grupo, com apresentação do filme *A Rainha do Chantecler*, de Sara Montiel. O preço dos bilhetes era o seguinte: Balcão, 7\$50; Superior, 6\$50; 1.ª Plateia, 6\$00; 2.ª Plateia, 5\$00. Note-se que era solicitado «a todas as pessoas com idades que possam suscitar dúvidas que venham munidas de documento de identificação».



52. Programa da inauguração do cinema do Grupo | 1965
AHMCS/AACD/IEC/010/001/001

27 de novembro de 1965

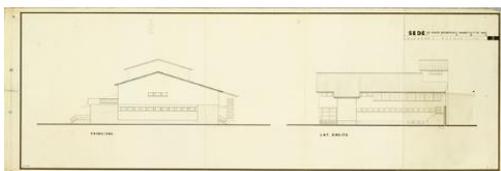
O Grupo anuncia «com a colaboração do programa *Passatempo em Vossa Terra*, o Grande Show de Variedades com os mais populares artistas portugueses da rádio e TV, António Calvário, o Rei da Rádio Portuguesa».



53. Programa de show de variedades organizado no Grupo | 1965
AHMCS/AASS/GRDT/B/001

8 de janeiro de 1966

Serafim Tomé foi eleito Presidente da Direção. Nessa data, **Carlos Moreira da Costa informou a Assembleia Geral do «pedido feito pela Direção ao Fundo de Desemprego e que foi aceite, oferecendo aquela entidade 30% das obras a realizar de futuro, isto é, o acabamento total da sociedade, mas para tal dádiva o projeto da sociedade tem que sofrer uma pequena alteração, segundo a mesma entidade»**. Já a 30 de dezembro de 1967 lembraria o «incentivo oferecido pela Direção de Urbanização, que concede [afinal] 40% do custo das obras, participando [o que está] por fazer». Porém, só em 1969 o Grupo recebeu ofício do Ministério das Obras Públicas aprovando um subsídio de 144.000\$00 para acabamento das obras.



54. Projeto de remodelação da sede | 4 de julho de 1966
AHMCS/GRD//006

5 de março de 1966

O Presidente da Direção esclarece a Assembleia Geral das razões da desistência do «empresário do cinema», optando-se, então, pela exploração direta. Nesta data, foi também eleita uma comissão de quatro elementos para controlar certos lugares nos dias de cinema...

7 de junho de 1966

A Direção aprovou a realização na sua sede de um curso de bordados, de julho a outubro, que fora solicitada pelo agente das máquinas Oliva.

22 de janeiro de 1967

Augusto Luís Marques foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucedeu, a 20 de janeiro do ano seguinte, Carlos Moreira da Costa, cargo em que se manteria em 1969.

25 de junho de 1968

O Grupo enviou convite à Câmara Municipal de Cascais do seguinte teor: **«A Direção desta coletividade leva a efeito no dia 30 de junho de 1968 pelas 16 horas e 30 minutos a inauguração da 1ª fase dos melhoramentos que tem vindo a executar durante este ano, para**

dar melhor harmonia a este ato e estando presentes algumas altas individualidades, vimos por este meio ter a honra e o prazer de convidar V. Ex.^a para que possa estar presente».

21 de dezembro de 1968

De modo a «possuir uma organização de escrita geral, para um bom controlo», o Grupo decidiu contratar Alfredo Xavier da Silva como secretário e Domingos Moleiro para contínuo permanente, assegurando, assim, a abertura da sede e a assistência ao bufete e jogos. Carlos Moreira da Costa afirmaria, então, que «a sociedade necessita de tomar o caminho da verdade, verdade essa que se chama o progresso, o que sem trabalho em bloco e compreensão de todos não será possível atingir».

Neste ano o Grupo adquiriu uma mesa de bilhar, a que se seguiram, em 1969, uma máquina registadora, uma máquina de café, uma geleira, uma aparelhagem de som e duas armas de pressão de ar para torneios de tiro ao alvo. Tentava-se, assim, corresponder à evolução dos tempos e às necessidades dos sócios.



55. + 56. Grupo cénico em atuação na sede do Grupo | 15 de janeiro de 1966
AHMCS/AASS/GRDT

4 de janeiro de 1969

Decidiu-se dar início à exploração do bar e de jogos em regime de percentagem por uma comissão de sócios, cujo serviço seria controlado pela Direção. Foram também definidas as funções do contínuo, que «deverá abrir bar e jogos para os associados nos dias úteis às 18h30, mantendo esse serviço até às 20h30; sendo a abertura aos domingos às 15h00 com serviço até às 19 horas». Tinha direito a «habitação com água, luz e esgotos, um domingo e um dia útil de folga por mês e a gratificação mensal de 500\$00».

15 de março de 1969

A palavra «camarada» desaparecia das atas da Assembleia Geral para dar lugar à de «consócio»...

15 de maio de 1969

«Foi apresentada a inédita iniciativa de um inventário a todo o movimento da coletividade, só possível com a nova orgânica, levada a cabo pela gerência de 1968, que teve em Carlos Moreira da Costa o impulsionador de tal iniciativa».

18 de abril de 1969

Em Assembleia Geral decidiu-se «votar uma proposta da atual Direção, a fim se de propor [como] sócio honorário a Câmara Municipal de Cascais». Já a 23 de abril, o Grupo enviaria uma

carta ao Presidente da Câmara Municipal convidando-a a presidir à sessão comemorativa do seu 50.º centenário para receber, em nome do município, o diploma de sócio honorário.

16 de setembro de 1969

Em carta dirigida a José Miguel, do Teatro ABC, o Grupo informou-o de que se encontrava **«a trabalhar para uma projeção de desenvolvimento à arte dramática, pelo facto de termos feito obras que permitem realizar um trabalho em profundidade, porquanto temos presentemente um Grupo Dramático com 23 figuras e um entusiasmo na população jovem que nos obriga a não desistir e procurar por todos os meios acarinhá-lo, para dignificar a arte dramática no nosso concelho»**. Desta forma, «reconhecendo a pobreza da nossa ornamentação [n]o palco» solicitou «ajuda na contribuição dos cenários que estejam postos [de] parte, sem préstimo aparente e que a nós seria de uma utilidade que jamais esqueceríamos». Enviariam cartas idênticas a Vasco Morgado, do Teatro Monumental, à Rádio Televisão Portuguesa e à Tobis Portuguesa.



57. Cadeira do antigo cinema | c. 1970
AHMCS/AASS/GDRT **FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE**

19 de dezembro de 1969

Regista-se em ata da Assembleia Geral que **ao longo do ano o Grupo garantiu «a exibição de 66 espetáculos de cinema, a realização de 55 bailes, a formação de um grupo cénico, tendo como impulsionador e encenador o consócio Sr. Alberto Ferreira [e] o apoio ao nosso grupo musical, que tão elevados serviços tem prestado à coletividade, numa altura que, no exterior, grupos deste género vão escasseando»**. Nesta data, o Presidente referiu-se igualmente à questão das obras na sede e «esclareceu não ser de sua inteira responsabilidade a paragem das mesmas, pois só agora foi recebido o ofício do Ministério das Obras Públicas com a aprovação de um subsídio de 144.000\$00 para acabamento das mesmas. Note-se que esta importância equivale a 40% da obra a realizar».

6 de dezembro de 1969

Nesta data o cinema tinha a seguinte lotação: balcão, 91 lugares; 1.ª plateia, 116 lugares; 2.ª plateia, 120 lugares; 3.ª plateia, 66 lugares.

3 de janeiro 1970

O Presidente do Grupo, «referindo-se ao cinema, informou que melhorou um pouco economicamente, mercê do trabalho gratuito de projeção feito pelos nossos consócios, que nos dará melhor[es] resultados», ainda que a deficiência da corrente elétrica leve «certos filmes portugueses e alguns estrangeiros [a] não satisfazerem os digníssimos espetadores». O transporte, marcação e pagamento de filmes passou, então, a ser diretamente assumido pelo Grupo, promovendo-se 16 espetáculos em menos de 3 meses, com uma poupança de 880\$00. Regista, ainda, que «o movimento cultural e social é, sem dúvida, a verdade de uma associação, [...] demonstrada pelo trabalho de equipa, [...] mola real do progresso. Nessa grande equipa, em que colaboram 34 elementos, mostra[-se] bem a sua estrutura, em [...] secções assim distribuídas: Teatro, [...] Direção, Grupo Musical, Obras, Cinema, Conselho Fiscal e Assembleia Geral, etc.». No que concerne às obras, **«os elementos da Comissão de Obras sabem muito bem que os influem a iniciar os trabalhos de alterações, a fim de ser possível o acabamento do salão, para as comemorações do cinquentenário».** Porém, tal não foi possível, «por não chegar a ordem da Direção de Urbanização para o efeito, tendo sido [mesmo] interrompido, pois havia o risco das mesmas não serem participadas».

23 de janeiro de 1970

No relatório da Direção relativo ao ano de 1969 regista-se «o movimento de 1 espetáculo de variedades, 4 de teatro, 57 bailes, 18 *matinées* e 70 *soirées* de cinema».

24 de janeiro de 1970

Serafim Veríssimo Gaspar foi eleito Presidente da Direção, registando-se, então, que por ocasião das comemorações do 50.º aniversário do Grupo a gerência anterior ofereceu aos sócios e suas famílias duas sessões de cinema e «aos associados com mais de 50 anos de sócios uma salva de prata comemorativa».

17 de abril de 1970

Serafim Tomé dos Santos referiu-se à necessidade de legalização das escrituras do terreno onde foi edificada a sede do Grupo, propondo que a questão seja entregue a uma agência especializada. Aludiu, ainda, ao facto de o início dos trabalhos continuar pendente da Direção-Geral dos Serviços Hidráulicos, «por motivo da linha de água junto à sede». Nesta data a quota passou a ser de 7\$50 para sócios efetivos, 4\$00 para sócios auxiliares e 30\$00 para joias.

17 de julho de 1970

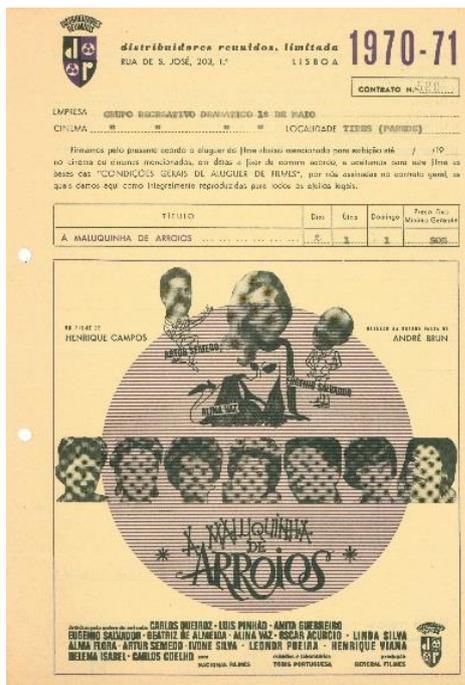
Regista-se em ata da Assembleia Geral que «o ritmo da coletividade está a aumentar bastante na realização de inúmeros espetáculos, bem como no número de sócios» e que «tudo obedece a uma programação antecipada com os seus respetivos encargos».

8 de agosto de 1970

O Grupo apresentou à Câmara Municipal de Cascais um projeto de obra para alteração da sede. A memória descritiva e justificativa refere que «para obtenção da comparticipação do Estado foi apresentado à Direção-Geral dos Serviços de Urbanização um projeto [...] que tem já parecer favorável do Conselho Técnico da Inspeção de Espetáculos, emitido em 5 de agosto de 1965. Na sua apreciação a Direção-Geral dos Serviços de Urbanização fez alguns reparos com o intuito de melhorar o funcionamento do edifício e dar maior equilíbrio arquitetónico aos alçados. Nesta conformidade e uma vez que a obra já se encontra bastante adiantada, procurou-se tanto quanto possível resolver apenas aquilo que se julgou indispensável, de maneira a satisfazer as observações formuladas». Desta forma, para além da realocização da escada para o segundo andar, procurar-se-ia melhorar as instalações sanitárias, os camarins e o bar, introduzindo-se, ainda, alterações nas salas da Direção e de leitura, no balcão da sala de espetáculos e nas cabines de projeção e de bombeiros. Refira-se, por fim, que «o alçado principal será tratado de modo a dar um aspeto mais agradável e bem assim [como] todos os outros, que terão de acompanhar as alterações interiores, ordenando a abertura dos vãos das janelas». Note-se que «a saída do lado esquerdo foi também modificada para maior segurança do público no fim dos espetáculos [e que] da sala para os vestíbulos foram abertas [...] portas para facilitar um escoamento mais rápido». Já sob o patim da escada foi prevista uma bilheteira com *guichet* para o exterior.

7 de novembro de 1970

A exploração do bufete e dos jogos estava a cargo de uma comissão de quatro sócios, alcançando 2.000\$00 de receita mensal. O conjunto musical já não se encontrava, então, em plena atividade, pelo que a 23 de outubro do ano seguinte se registaria que «o nosso conjunto já há alguns anos vinha acusando uma desatualização que os seus componentes não procuravam eliminar, mostrando até não serem capazes de modificarem os acontecimentos, porque a falta de comparência a horas, aos espetáculos e aos ensaios vinha-se arrastando há muito tempo»...



58. Contrato para exibição de filme no cinema do Grupo | 1970-71
AHMCSA/AASS/GRDT/B/003

18 de dezembro de 1970

Jorge José Paulino Moreira e João Lopes foram eleitos Presidentes da Direção para o ano de 1971. Nesta data, Domingos Garcia Neves, ao referir-se ao conjunto musical, afirmaria que «o problema é melindroso. Falta [...] pessoal, pois sem ele nada [se] pode fazer». Acrescentaria, ainda, que **«a crise que o conjunto musical atravessa não é de agora mas vem já de alguma data», com a saída de diversos elementos para outros conjuntos ou por razões profissionais, tendo «atualmente [...] a ensaiar um bateria e um acordeonista».**

19 de março de 1971

O Grupo fixou os seguintes preços de entrada nos bailes: «sócios solteiros, 50% do custo do bilhete que pagam os não sócios; sócios casados, 25%; sócias, 2\$50; mulheres não sócias, 5\$00; raparigas não sócias, 7\$50».



59. Tires | 1973
Col. Guilherme Cardoso

23 de outubro de 1971

A ata da Assembleia Geral regista as impressões de Carlos Moreira da Costa acerca da história da coletividade. Desta forma, até 1968 «a organização [...] foi medíocre. Nunca houve organização firme. O que se organizava era em impulsos de um ano ou pouco mais, sem ligação de trabalho e assim se compreende o facto de só agora se estar a tratar das escrituras do terreno da nossa sede, adquirido há 30 anos [e] de só em 1967 ter sido federada a uma coletividade, com a aprovação oficial dos estatutos, que se vinha arrastando de anos para anos». Refere igualmente que «a maioria dos associados são e sempre foram operários. Se quando o operário ganhava 37\$50 pagava a quota de 2\$50, todo ou quase todo o serviço de espetáculos era feito gratuitamente. [...] O operário hoje ganha 150\$00, o que em proporção com os 37\$50 e a quota de 2\$50 correspondia hoje a uma quota mínima de 10\$00. No entanto, temos 7\$50 de quota mínima. Os serviços, é impossível mantê-los gratuitamente»...

Nesta ocasião acrescenta, ainda, que «em 1964 e parte de 1965 o movimento de espetáculos era negativo. Estávamos a ser ultrapassados. Instalámos o cinema em outubro de 1965, aguentámos os reveses de vária ordem em 1966 e 1967 e aumentámos o número de espetáculos em 1968, pois com um maior movimento teríamos possibilidade de não ser ultrapassados e assim aconteceu em 1969. Houve equilíbrio, mas com substancial aumento de despesas, caso da queda total do conjunto musical. Tudo isto se aguentou em 1969 e 1970. Em 1971 não havia outra solução sem ser a de remodelar as regalias e a de que o consócio terá que suportar parte dos encargos em contribuição extra de cotização».

Já no que se refere às obras aponta que estas se «iniciaram em 1962. O dinheiro que havia e o que [se] conseguiu arranjar liquidavam a 1.^a fase dos trabalhos no valor de 370 contos. Em

1967 devo aqui referir que a caturrice de alguns impediu a apresentação do projeto para a participação do Estado logo no princípio das obras, o que nos teria dado a oportunidade de ter a 1.ª fase participada e ter-se-iam evitado as alterações que agora se fizeram».

8 de janeiro de 1972

Deliberou-se que «Todo o associado ou associada com um mínimo de 6 meses de sócio pode pedir por escrito à coletividade para a festa do seu casamento com a antecedência mínima de dois meses, claro está sem prejudicar as programações previstas com antecedência», devendo as bebidas ser consumidas no bufete. Nesta data Júlio Moreira Veríssimo foi eleito Presidente da Direção.

25 de agosto de 1972

O Grupo obteria autorização para a compra, por 30.000\$00, a Orlando Coutinho Duarte e Almerinda Duarte Antunes, da parcela de terreno com 470 m² que constituía o logradouro da sua sede, pelo facto de o proprietário reivindicar a sua posse, por não ter decorrido o tempo necessário para que a sociedade invocasse o usucapião. Desta forma, a 6 de janeiro de 1973, aquando da síntese das concretizações da Direção no ano anterior, destacar-se-ia «a assinatura das escrituras da sede da coletividade, [...] dado que há 38 anos que a situação [...] andava para ser legalizada, mas finalmente passou a ser propriedade dos sócios». Nesta mesma data, a União Recreativa e Desportiva de Tires solicitaria autorização para se tornar sócia do Grupo, o que não foi deferido, «dado que passaria a haver exigências da parte deste Grupo sobre os poderes da coletividade».

22 de março de 1973

O Grupo enviou uma carta ao Comandante da Guarda Nacional Republicana solicitando o apoio de efetivos para os «espetáculos de cinema e sessão de hipnotismo», a 24 e 25 de março.

2 a 13 de junho de 1973

O Grupo promove as Festas de Santo António em Tires, com «grandiosos bailes abrilhantados pelo Conjunto Roma 66» e «esmerado serviço de bar, com petiscos variados».



60. Programa das Festas Tradicionais de Santo António | 1973
AHMCSA/AASS/GRDT/B/001

16 de fevereiro de 1974

João Vieira da Rosa foi eleito Presidente da Direção, cargo que **manteria** a 5 de abril de 1974.

5 de abril de 1974

«O Presidente da Mesa informou que finalmente e ao fim de muitos anos foi feita a escritura da coletividade e do recinto anexo, a primeira por aquisição e a segunda por justificação».

11 de abril de 1974

Em carta enviada pelo Grupo à Câmara Municipal de Cascais anota-se que «Tires, uma aldeia do concelho de Cascais, em franco progresso e com aspirações turísticas dignas de apreço», tem «necessidade de uma sala de espetáculos – a qual já há muito se iniciou – mas por falta de meios financeiros a sua concretização será difícil efetuar-se tão cedo, como seria o desejo de todos os seus associados», pedindo, então, apoio para o efeito.



61. Comemoração do 55.º aniversário do Grupo | 1974
AHMCS/AASS/GRDT

11 de maio de 1974

O Grupo promoveu um «grandioso baile para eleição da Miss Tirana 74 e suas damas de honor», abrilhantado pelo Conjunto José António + 4. Note-se que «As Misses eleitas poderão concorrer à eleição de Miss das Coletividades do Concelho de Cascais, que se realizará naquela localidade no dia 9 de junho de 1974».

27 e 28 de abril e 1 de maio de 1974

A comemoração do 55.º aniversário do Grupo seria marcada por uma *soirée* dançante a cargo dos conjuntos Impacto 6 e Núcleo, por uma «grandiosa e sensacional garraizada com 3 rezes de casta espanhola» e pelo filme cómico *Doutor, cuidado com elas*.

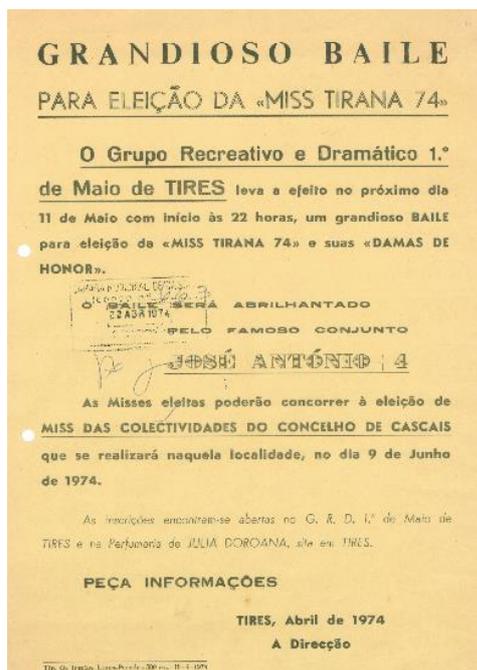
13 de dezembro de 1974

Já depois da Revolução de 25 de Abril de 1974, discutiu-se uma proposta de fusão do Grupo com a União Recreativa Desportiva de Tires e outros grupos locais, nomeadamente a Comissão de Moradores de Tires, **que parece não ter sido concretizada.**

10 de janeiro de 1975

O Grupo aprovou «por 35 [votos] a favor e 1 abstenção» o regresso à sua designação original. Voltaria, assim, a denominar-se Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, recordando o «sócio Carlos Costa» que «a mudança foi feita por imposição

do Governo Civil quando da aprovação dos estatutos». Nesta data, Pedro Pais Miranda foi eleito Presidente da Direção.



62. Programa do Baile Miss Tirana 74 | 1974
AHMCS/AACD/IEC/010/001/004

31 de janeiro de 1975

Alteração dos estatutos do Grupo. Paralelamente, «Jacinto Carrasco apresenta a ideia de se pedir a todos os sócios para colaborarem com trabalho para [o] termo das obras da coletividade que se encontram inacabadas». Pedro Pais Miranda informá-lo-ia, então, de que se equacionava a hipótese de se «fazer um empréstimo bancário para termo das mesmas, sendo necessário para isso abrir uma conta bancária». Aprovar-se-ia, ainda, o empréstimo do salão apenas a grupos políticos legalizados, não se cobrando qualquer quantia «aos grupos da nossa terra». Neste ano seria também criado um jornal do Grupo, que editou pelo menos 3 números.

9 de maio de 1975

O Presidente da Direção discutiu «o problema que afeta a ginástica, em virtude de alguns instrutores terem desistido», referindo-se também às críticas recebidas pelo facto de a biblioteca ainda não estar em funcionamento. Nesta sessão José Vicente Martinho proporia, ainda, a inclusão de mulheres no grupo coral, surgindo alguns reparos acerca das «professoras que procedem às aulas nesta coletividade» e lamentando-se «o estado em que ficavam as salas [...] após as reuniões efetuadas pelo grupo teatral».

28 de maio de 1975

Em reunião da Comissão Administrativa da Freguesia de S. Domingos de Rana apreciou-se uma carta da Comissão de Festas de Nossa Senhora da Graça em Tires, em que se regista: «Amigos. Pensa a Comissão de Festas da nossa localidade, organização conjunta do Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, Comissão de Festas e Comissão de Moradores, organizar um convívio de desporto do qual do qual fazem parte provas de Atletismo, Motocross, Ciclomotores, encontros de Futebol e outros. Para esta organização a presença de fundos é-nos fundamental para a levar a efeito e por isso pedimos a vossa colaboração e boa

vontade. Sem outro assunto subscrevemo-nos com as nossas mais calorosas saudações democratas e populares». Deliberou-se, então, atribuir um subsídio de 2.000\$00 escudos para o efeito.



63. Programa da comemoração do 53.º aniversário do Grupo | 1974
AHMCS/AASS/GRDT/B/001

1 de agosto de 1975

Aprovou-se a contração de um empréstimo à Caixa Geral de Depósitos no valor de 350.000\$00 para a conclusão das obras da sede, com juros de 9,25%. Nos primeiros 18 meses não haveria amortizações, que se efetuariam, depois, de 6 em 6 meses. Desta forma, a 3 de novembro do ano seguinte o *Diário de Notícias* publicaria o seguinte anúncio: «Grupo R. D. 1.º de Maio de Tires (Parede). Trabalhos de construção civil. Está aberto concurso para empreitada de conclusão das obras da Sede deste Grupo».

13 de fevereiro de 1976

Pedro Pais Miranda foi eleito Presidente da Direção. Aprovou-se, ainda, a proposta de um grupo de sócios para a formação do Conjunto Musical 1.º de Maio, com o apoio monetário do Grupo.

13 de dezembro de 1976

A empreitada de conclusão das obras da sede do Grupo seria adjudicada por 743.313\$72 à Cooperativa Sol Operário de Construção Civil, S.A.R.L., da Abóboda, pelo prazo de 120 dias, com início a 10 de janeiro do ano seguinte.



64. Sede do Grupo | 19
Col. Guilherme Cardoso

17 de dezembro de 1976

Carlos Martinho foi eleito Presidente da Direção. Registou-se, ainda, em ata da Assembleia Geral que o «sócio Armando está interessado em fazer o teto da sala (oferecendo a decoração) para o que irá haver uma reunião entre esse sócio, a Direção e a Comissão de Obras».

4 de fevereiro de 1977

Na sequência da alteração dos corpos gerentes do Grupo, Carlos Martinho voltaria a ser eleito Presidente da Direção, cargo em que se manteria no ano seguinte. Nesta data decidiu-se, ainda, aumentar o preço das quotas, que passou a ser o seguinte: sócio efetivo, 12\$50; sócio auxiliar, 7\$50; joia, 60\$00.

11 de maio de 1977

O Jornal da Costa do Sol refere-se à sede do Grupo, noticiando que «**as obras de beneficiação em curso [...] a tornará [n]uma das melhores [salas] do concelho. Bom seria que as entidades camarárias que estiveram presentes momentaneamente saibam reconhecer o esforço e despesa que esta obra representa**». Já a 13 de julho se anotava que «**em consequência do trabalho aturado desenvolvido em 1975 estavam a funcionar, antes do início da última fase das obras, as seguintes atividades culturais e desportivas: bailes, uma vez por semana; cinema, duas vezes por semana (a coletividade é proprietária de um projetor de 35 mm); aulas de ginástica (que chegaram a congregar na prática desta salutar modalidade cerca de 300 miúdos); uma classe de luta (modalidade olímpica); e aulas de karaté. Houve cursos de alfabetização para adultos: 6 pessoas fizeram a 4.ª classe e outras tantas sabem agora ler e escrever**». Sublinha-se também que «o grupo cénico mantém galhardamente uma tradição que vem dos primórdios da coletividade. Embora com altos e baixos, jamais o grupo cénico deixou de existir, apresentado sempre, pelo menos, uma ou duas peças por ano». Refere-se igualmente que se «abriram também inscrições para uma escola de música e a adesão foi imediata: cerca de 40 interessados desde logo se manifestaram a favor da iniciativa. Não foi possível, todavia, superar a maior dificuldade: arranjar um mestre». Regista-se, por fim, que «surgiu então um grupo de rapazes que se propôs organizar um conjunto musical. A coletividade deu apoio, adquirindo os instrumentos, que estão a ser amortizados com as receitas dos bailes em que o conjunto [1.º de Maio] atua».

1 de maio de 1978

O Grupo festejou o 59.º aniversário, inaugurando a sua sede, após a conclusão de obras de ampliação. *O Jornal da Costa do Sol* descreveria estes melhoramentos, a 10 de maio, da seguinte forma: «No salão, o grandioso trabalho de arte, tanto em estuque como em pintura, forma agora um belo conjunto com o vistoso lustre, dando um aspeto magnífico. No que respeita a lugares sentados, a plateia tem um total de 241 cadeiras, divididas por três grupos; o balcão tem 112

assentos, incluindo 2 camarotes e 4 lugares cada um. O salão está preparado para espetáculos de vária ordem, inclusive teatro e cinema, para o que está equipado com camarins junto ao palco e cabine de projeção e rebobinagem de fitas, no primeiro andar, atrás do balcão. Para além das dependências já enunciadas, no edifício sede consta ainda: no rés-do-chão, um espaçoso bar equipado com cozinha, balneários, W. C. e bengaleiros; no 1.º andar um pequeno bar, biblioteca e sala da Direção. Por baixo do palco existem ainda duas salas de jogos, equipados com laranjinha, bilhar, “matraquilhos” e vários jogos de mesa». Note-se que esta obra foi concretizada com o trabalho voluntário de dezenas de carpinteiros, pedreiros, estucadores, entalhadores, pintores e eletricitas. Em entrevista a Ana Margarida Silva e Paula Duarte, reproduzida em *Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, Serafim Tomé dos Santos recordaria que «as raparigas e as mães é que iam varrer a sala. Não se pagava a mulheres para varrer nem limpar [...]. Mas também tivemos muita gente a trabalhar de graça: pedreiros, carpinteiros, serventes e eletricitas. Era raríssimo serem pagos».



+ FOTO DO SALÃO COM LUSTRE

65.+ 66. Lápide evocativa da conclusão da sede | 1978
GRDT **FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE** + FOTO DO SALÃO

9 a 18 de junho de 1978

O Grupo promoveu os Tradicionais Festejos a Santo António com «um grandioso baile abrilhantado pelo Conjunto 1.º de Maio».



67. Programa dos Festejos de Santo António | 1978
AHMCS/AASS/GRDT/B/001

G. M. D. 1.º Maio da Solidariedade Operária de Tires

PROGRAMA DE BAILES

Seembro de 1978

Dia 9 — *Abertura da época com a colaboração do agrupamento **Carlos Ribeiro + 4***

Dia 16 — *Mais uma grandiosa "soirée" desta vez com a participação do agrupamento **IMPACTO 6***

Dia 23 — *No palco com a sua boa música **FÓRMULA 5***

Dia 30 — *Até haver gente o afamado agrupamento **ADÁGIO** (de Palmela) apresentará a sua excelente música.
(ver programa próprio)*

Não esqueças: *Todos os Sábados das 22,00 às 02,00 da madrugada, não esqueças...
... em Tires é que é bom!*

68. Programa de bailes promovidos pelo Grupo | 1978
AHMCSC/AASS/GRDT/B/001

G. M. D. 1.º Maio da Solidariedade Operária de Tires

APRESENTA

Sexta-feira, 11 de Agosto de 1978
Pelas 21,30 horas

O SHOW

MELODIAS DE SEMPRE

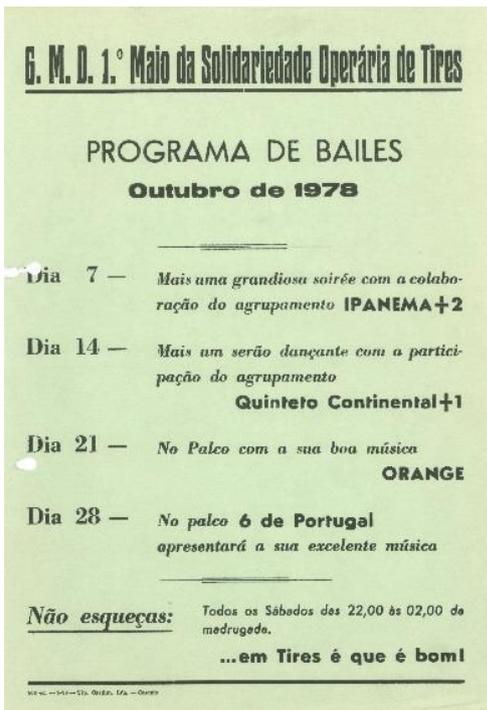
Foi êxito várias semanas no Teatro Maria Vitória
Evocações de canções que foram sucesso

Direcção Musical do Maestro **VITOR SANTOS**
Guarda-Roupa **PAIVA**

Espectáculo produzido pelo Grupo Cénico da Sociedade Humanitária de Palmela com a finalidade de fazer renascer a música Portuguesa

Bilhetes à Venda nas bilheteiras do G. M. D. 1.º Maio de Tires a partir do dia 9 de Agosto

69. Programa de show promovido no Grupo | 1978
AHMCSC/AASS/GRDT/B/001



70. Programa de bailes promovido no Grupo | 1978
AHMCS/AASS/GRDT/B/001

22 de dezembro de 1978

Filipe Manuel Borges Doroana foi eleito Presidente da Direção. Nesta data, «considerando que os atuais estatutos, além de nos terem sido impostos já não se integram na orgânica da coletividade», decidiu-se nomear uma comissão de 5 elementos para apresentar até 15 de fevereiro um novo projeto de estatutos, que parece não ter sequência.

9 de setembro a 28 de outubro de 1978

O Grupo organizou diversos bailes, «todos os sábados das 22h00 às 02h00 da madrugada».

13 de maio de 1979

Em carta remetida à Direção-Geral do Equipamento Regional e Urbano, o Grupo enviou «devidamente assinado o auto de vistoria geral da nossa obra».

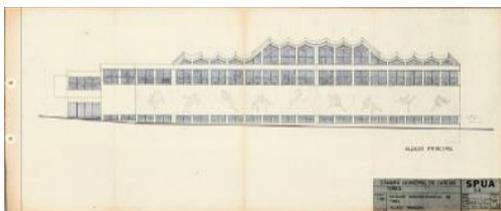
16 de maio de 1979

O *Jornal da Costa do Sol* noticia os festejos comemorativos do 60.º aniversário do Grupo, marcados pela promoção de um torneio de ténis de mesa e de outras atividades desportivas. Regista-se, então, que «**para a coletividade está projetado um terreno para a edificação de um pavilhão gimnodesportivo, estando o assunto apenas pendente duma conversa entre a edilidade e a igreja da paróquia, por causa dum lar para a terceira idade. Será previsto, no lajedo a poente da coletividade, um parque infantil**».

7 de dezembro de 1979

Aprovou-se a aquisição em direito de superfície à Câmara Municipal de Cascais do prédio rústico denominado "Terra das Lajes", para a construção de um ginásio com a área de 1.018

m² junto à sede do Grupo, a nascente e no alinhamento do terreno dos pavilhões da nova escola de Tires. A aquisição foi efetuada por meio de um arrendamento por 70 anos, renovável por períodos de dez anos. Foi também aprovado o anteprojeto do pavilhão. A cedência por parte da Câmara Municipal, em resultado de deliberação de 17 de outubro, concretizar-se-ia a 18 de março do ano seguinte.



71. Projeto do pavilhão gimnodesportivo de Tires | abril de 1986
AHMCSC/CMC/C-A/029/91/2168

28 de dezembro de 1979

Eleição de nova Direção, cujos membros não são identificados no livro de atas da Assembleia Geral. A 8 de fevereiro de 1980, Carlos Constança Martinho foi eleito como Presidente da Direção. Já a 19 de dezembro de 1980 venceria a lista apoiada pela Direção, cujos membros não são igualmente registados em ata.

30 de maio de 1980

O Grupo cénico da coletividade representa a peça *O Prémio Nobel*, que igualmente apresentará no Teatro Gil Vicente, em Cascais.



72. Peça *O Prémio Nobel* | 1980
AHMCSC/AASS/GRDT

13 de maio de 1981

No âmbito da comemoração do 62.º aniversário do Grupo, o *Jornal da Costa do Sol* noticia que na sessão solene se salientou «o trabalho desenvolvido nos últimos anos pelos sucessivos corpos gerentes que conseguiram dotar o Grupo 1.º de Maio com uma sede digna das suas tradições, preparando-se agora para arrancarem com uma obra de vulto para a coletividade e para a população de Tires que é a construção do Pavilhão Gimnodesportivo».

30 de outubro de 1981

Decidiu-se que todos os sócios com mais de 40 anos de associados fossem isentos do pagamento obrigatório de quotas, passando a joia de inscrição a custar 200\$00. De igual modo ficaram isentos do pagamento da joia todos os candidatos a sócios menores de 12 anos, passando a quota mínima mensal a ser de 25\$00 para sócios maiores de 15 anos de idade e de 15\$00 para

sócios menores de 15 anos de idade, inclusive. Foi também apreciado, discutido e votado o Regulamento Eleitoral.

18 de dezembro de 1981

Eleição dos novos corpos gerentes, de novo sem identificação dos nomes. Nesta data, João Dinis sugeriu à futura Direção que fossem «angariados fundos para a construção do Pavilhão Gimnodesportivo, em vez de darem aulas de ginástica na sede da coletividade». Também «o Presidente Zé Luís esclareceu o consócio que o agrupamento tem o nome de Conjunto Projeto do Grupo Musical 1.º de Maio» e deu a conhecer o conteúdo do contrato a assinar com o Agrupamento.

28 de setembro de 1982

O Grupo passou a dispor de um rancho folclórico.

7 de janeiro de 1983

João Camilo Correia Vincent foi eleito Presidente da Direção.

11 de março de 1983

O Grupo definiu a metodologia de colocação da bandeira a meia haste, lançamento de foguetes e colocação do estandarte em urnas aquando do falecimento de sócios ou seus familiares diretos.

9 de dezembro de 1983

João Camilo Correia Vincent é reeleito Presidente da Direção. Nesta data, «em virtude da morte recente do Sr. Arquiteto Rui Rebelo de Andrade, que teve papel preponderante na conclusão das obras da nossa coletividade e [foi] precursor do processo de cedência do terreno destinado ao pavilhão, tendo tomado parte ativa do 1.º anteprojecto para o mesmo», o Grupo decidiu homenageá-lo com um minuto de silêncio.

maio de 1984

O Grupo deu início a aulas de dança jazz.

24 de novembro de 1984

Io Appolloni foi a protagonista de uma peça de teatro apresentada no Grupo.

7 de dezembro de 1984

José da Conceição Gomes foi eleito Presidente da Direção.

3 de janeiro de 1985

Foi aprovada em reunião da Direção «a formação de um agrupamento de Música Popular, ficando a sala às terças-feiras cedidas ao mesmo».



73. Rancho Folclórico | c. 1985
AHMCS/AASS/GRDT

1 de março de 1985

Discutiu-se a estratégia a desenvolver para sanar a falta de espaço para as múltiplas atividades desenvolvidas pelo Grupo, nomeadamente a cobertura do recinto anexo à sede ou a construção do ginásio, decidindo-se, então, nomear uma comissão para o efeito. O mesmo sucede no que concerne ao autocolante «criado exclusivamente para fundos para o Rancho Folclórico, pois, como se sabe, o Rancho é um embaixador da Coletividade, levando a todos os lados sempre que possível e quando para tal é solicitado. Assim tornou-se necessário o autocolante, funcionando ao mesmo tempo como cartão-de-visita, recordação, com a qual o Rancho obtém algumas receitas. Em relação aos galhardetes, a Direção irá com certeza debruçar-se sobre o assunto». Deliberou-se também contratar uma pessoa para apoiar a Direção, pois «realmente o trabalho da secretaria nesta coletividade é enorme. Não se resolve só com a boa vontade dos Diretores, mas sim com uma pessoa entendida na matéria».

A PARTIR DESTA DATA TEMOS GRANDE NECESSIDADE DE OBTER MAIS IMAGENS, QUE NÃO EXISTEM EM ARQUIVO. PODEM AJUDAR-NOS?

9 de maio de 1985

O Jornal da Costa do Sol regista que «atualmente o Grupo 1.º de Maio, com cerca de mil e quatrocentos associados, agrega no seu seio coletivo pessoas oriundas de grande parte do espaço nacional, nomeadamente do Alentejo e Beira Alta». Para além da prática de atletismo e de ginástica de manutenção destacar-se-ia pela sua escola de música e pelo apreciado rancho folclórico, estando a reorganizar o grupo cénico e com inscrições abertas para a constituição de um grupo coral. Os bailes, o «funcionamento de uma discoteca e sessões semanais com projeção de filmes são outros motivos agradáveis com benefício direto para os sócios».

11 de outubro de 1985

O Grupo aprovou a ampliação da parte superior do bar da sede, para a instalação de salas de televisão e de leitura.

20 de dezembro de 1985

José da Conceição Gomes foi eleito Presidente da Direção.

21 de março de 1986

Regista-se em ata da Assembleia Geral que «no que respeita ao atletismo o ano de 1985 foi um ano de arranque, [pois] foi preciso comprar equipamentos, etc.». O Grupo alargava, assim, o âmbito da sua atividade.

abril de 1986

Projeto de arquitetura do pavilhão gimnodesportivo do Grupo, da autoria do arquiteto Vieira Santos, da Câmara Municipal de Cascais.

12 de dezembro de 1986

Jerónimo Lopes Pereira foi eleito Presidente da Direção.

20 de março de 1987

Aquando da apresentação do relatório e contas de 1986 destacam-se «sobretudo os investimentos, não só em obras de ampliação, caso do 1.º andar sobre o bar e no recinto, como ainda no melhor aproveitamento dos espaços no palco, cabine/discoteca e estrado de arrumos, e, no 1.º andar, onde foram criados 2 gabinetes para melhor servir o apoio aos seccionistas das várias atividades desenvolvidas dentro da coletividade» e a aquisição de diversos equipamentos, como máquina de café e arca frigorífica. Entre as atividades recreativas, a mais lucrativa era a discoteca, que gerou 1.865.052\$50. O Grupo recebeu também um agradecimento por parte do Grupo Coral de Cantares Alentejanos de Tires pelo empréstimo das suas instalações para ensaios.

18 de dezembro de 1987

Álvaro Paulino Moreira foi eleito Presidente da Direção.

16 de dezembro de 1988

Entre as atividades promovidas pelo Grupo destacavam-se a discoteca, o cinema, a ginástica, o karaté, o atletismo e o rancho folclórico.

30 de dezembro de 1988

Augusto Luís Marques foi eleito Presidente da Direção.

26 de maio de 1989

O Grupo procedeu à atualização das quotas. A quota mínima mensal passou a ser de 25\$00 para sócios menores de 12 anos; de 50\$00 para sócios maiores de 12 anos, sendo a joia de inscrição de 500\$00 para maiores de 12 anos. Regista-se, relativamente ao cinema, que «neste momento se encontrava suspenso».

14 de dezembro de 1989

Filipe Manuel Borges Doroana foi eleito Presidente da Direção.

3 de janeiro de 1992

Não havendo lista para a eleição de corpos gerentes, foi nomeada uma comissão administrativa presidida por Pedro Pais Miranda.

de _____ de 1992

O Grupo organizou o Grupo Vocal Discantus, «espaço de encontro entre pessoas que gostam de cantar e um lugar de descoberta de algumas páginas importantes da música vocal *a capella*, dando uma particular atenção à música de autores portugueses do século XX».

5 de fevereiro de 1993

José Filipe Martinho foi eleito Presidente da Direção.

16 de abril de 1993

Regista-se em ata da Assembleia Geral que «no ano transato a coletividade tinha sido gerida por uma Comissão de Gestão que praticamente só manteve as atividades já existentes, bem assim como os Festejos Tradicionais (Carnaval, 1.º de Maio, Santo António e Fim de Ano), para além de realizar um meio sonho que seria uma escola de Música, mas como não era possível criou-se um Grupo Coral, que já está em atividade». Note-se que «ainda se mantém de pé a ideia de construir um Ginásio que já teve anteprojecto, que ficaria entravado pela Câmara Municipal de Cascais. Mesmo assim posteriormente foi feita uma consulta à Direção Geral de Desportos sobre o espaço de terreno disponível [e] o que lá se poderia fazer. Foi-nos dito que poderia ser construído um pavilhão polidesportivo, que o seu projeto orçava em 4.000 contos e sobre este valor foi novamente apresentado à Câmara Municipal de Cascais se poderiam dispor de alguma verba».

28 de janeiro de 1994

Serafim Tomé dos Santos foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucederia, a 6 de janeiro de 1995, Fernando Ferreira de Pinho e, a 29 de dezembro de 1995, António José Pimenta Gonçalves.

19 de abril de 1996

Na ata desta Assembleia Geral a associação ainda era identificada como Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires. Na ata seguinte, datada de 17 de janeiro de 1997, passou a ser apelidado de Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires, designação que ainda mantém.

17 de janeiro de 1997

António Serafim Tomé dos Santos foi eleito Presidente da Direção.

21 de março de 1997

Referência à aquisição de um novo estandarte, cuja concretização exigiu o sorteio de rifas entre os associados nos bailes de Carnaval, bem como algumas ofertas.

7 de junho de 1997

Atribuição da medalha de mérito municipal ao Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires e ao seu grupo vocal Discantus.

3 de janeiro de 1998

Carlos Augusto Martinho da Silva foi eleito Presidente da Direção.

3 de janeiro de 1999

Eleição dos corpos gerentes, cujos nomes desconhecemos. Foram fixados novos valores de quotas: 100\$00 para sócios maiores, 50\$00 para sócios menores e 500\$00 de joia.

16 de abril de 1999

Em ata da reunião da Direção regista-se que «a Cooperativa Ideia tem em seu poder um painel de azulejos alusivo a Tires antigo e esta quer ofertá-lo para ser colocado na fachada da coletividade. A direção está recetiva mas sugere que seja a Junta de Freguesia [de S. Domingos de Rana] a pagar a colocação do mesmo».

21 de janeiro de 2000

Filipe Manuel Borges Doroana foi eleito Presidente da Direção, a quem se sucedeu, a 26 de janeiro de 2001, António José Pimenta Gonçalves. Nesta data, o «Presidente cessante, Filipe Doroana [...] informou da apresentação pela RTP – Canal 2 do Grupo Vocal Discantus. Informou também da excelente participação dos nossos atletas do karaté com a obtenção de um 1.º classificado Campeão Regional e um 2.º Classificado Vice-Campeão Regional».

7 de abril de 2001

Por ocasião do balanço das atividades do ano 2000 destacar-se-ia «1.º O Coro privativo da Coletividade, os Discantus, muito solicitado, a cargo do distinto professor Alfredo Teixeira; 2.º O sucesso de alguns praticantes de karaté, que já são campeões; 3.º os praticantes da ginástica que seguindo as pisadas daqueles também tem campeãs».

26 de janeiro de 2001

Filipe Manuel Borges Doroana foi eleito Presidente da direção do Grupo, cargo para o qual seria reeleito a 5 de janeiro do ano seguinte.

27 de maio de 2001

O Grupo organizou uma prova de cicloturismo a nível concelhio: o 7.º Raid Cicloturismo.

12 de julho de 2001

Foi assinado um protocolo para a construção num terreno próximo da sede, com 1 160 m², de um pavilhão desportivo com dois pisos destinado à prática de andebol, basquetebol, voleibol, futebol de 5, badmington, ténis, dança e desportos de combate, comportando também bancadas para 122 espetadores. A obra, orçada em 95.000.000\$00, contaria com uma participação estatal de 49.000.000\$00.

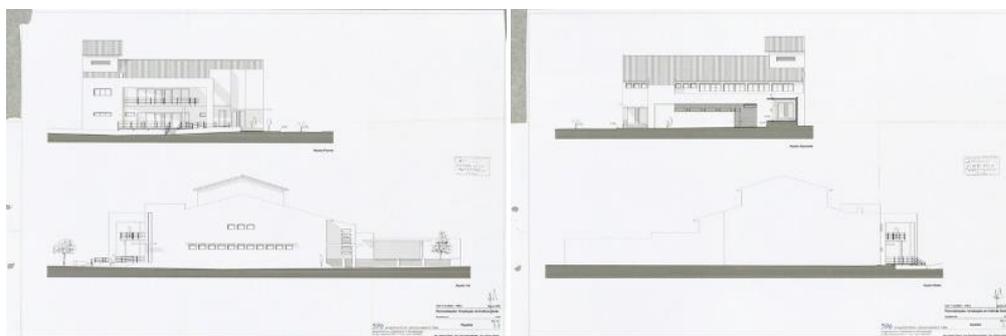
17 de janeiro de 2003

Filipe Figueiredo foi eleito Presidente da Direção, cargo em que se mantém até ao presente.

1 de setembro de 2003

O Grupo apresentou na Câmara Municipal de Cascais um projeto de requalificação e pequena ampliação da sede, da autoria do arquiteto André Ferreira. A memória descritiva e justificativa refere que «se pretende dar início a um processo de modernização global por requalificação interior e exterior dos espaços, sua redistribuição e rearticulação em função dos novos usos que se pretendem afetar». No programa refere-se que «o programa base contempla as seguintes áreas: remodelação/ampliação da zona do atual bar; criação de um espaço polivalente para leitura/multimédia/exposições; melhoria dos espaços de apoio às atividades culturais e recreativas; criação de uma área de convívio com apoio de um bar/cafetaria; requalificação da fachada poente e nascente e requalificação do recinto existente para jogos tradicionais e outros eventos». Regista-se, ainda, que «dado o tipo de intervenção ter implicações, tanto a nível financeiro, como o normal funcionamento das atividades da coletividade, a intervenção será dividida em duas fases».

Já a 6 de maio de 2005, em resposta aos pareceres técnicos do Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais, o Grupo apresentaria novos desenhos de alçados e cortes para substituição dos anteriores. As obras seriam aprovadas a 6 de junho de 2005, ainda que o alvará de obras de alteração só tenha sido emitido a 5 de maio do ano seguinte. As obras relativas à primeira fase teriam início a 17 de novembro de 2006 e terminariam em 2008.



75. + 76. Alçados da sede do Grupo | 2005
ATU/11781

6 de maio de 2005

Em ata de reunião da Assembleia Geral refere-se que «face à futura construção do Pavilhão Desportivo, concluído em termos de projeto e aprovado pelas entidades oficiais e já adjudicado, esperamos a todo o momento o início das obras que tão grande significado terão para esta coletividade. No entanto, não pretendemos que esta infraestrutura venha afetar o bom funcionamento da nossa instituição. Pelo contrário, julgamos que virá criar um novo fôlego, quer aos atuais corpos diretivos, como aos associados em geral».

3 de novembro de 2005

O *Jornal da Costa do Sol* anota que «já tiveram início as obras para a construção do Pavilhão Desportivo do Grupo Recreativo 1.º de Maio, em Tires, que [...] vai responder aos anseios acalentados há mais de um quarto de século pelos sócios destacar daquela localidade».

15 de setembro de 2006

Alteração dos estatutos do Grupo, que passou a ter por objetivo «a promoção cultural dos seus associados através da educação cultural, física, desportiva e ação recreativa, visando a sua formação humana e integral, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos». A escritura pública de alteração dos estatutos só seria efetuada a 19 de março de 2013.

20 de dezembro de 2006

Inauguração do Pavilhão Gimnodesportivo Serafim Tomé dos Santos, em homenagem a este sócio da coletividade desde há 68 anos, 40 dos quais em cargos diretivos. Neste ano dar-se início, a obras de remodelação da sede, com a construção de uma galeria de exposições e a remodelação do bar, que foi dotado de uma esplanada sobre a laje de Tires.

23 de janeiro de 2009

Regista-se em ata da Direção que «com a inauguração das obras da 2.ª fase é concretizado um sonho antigo: a reativação do jogo da Laranjinha».



77. Jogo da laranjinha
AHMCS/AASS/GRDT FOTOGRAFAR DEVIDAMENTE

22 de março de 2010

Promoção de um torneio intersócios do jogo da Laranjinha, cuja final seria realizada a 25 de abril. Como se registaria em ata da Direção de 11 de janeiro do ano seguinte, «ao ser reaberto, o jogo da Laranjinha tornou-se um local de encontro de associados já há algum tempo afastados. Os torneios já realizados mostram uma assiduidade que muito apraz registrar»!

12 e 13 de março de 2011

A equipa de karaté do Grupo obteve um honroso terceiro lugar na 4.ª edição do Open Internacional de Mafra.

4 de novembro de 2012

Comemoração do 20.º aniversário do grupo coral Discantus, com a promoção de um espetáculo no Centro Cultural de Cascais.

13 de janeiro de 2012

Foi aprovada a alteração do valor das quotas a pagar pelos sócios, que passa a ser de «dez euros por ano [valor] dividido em 4 trimestres de 2,50€, cada», definindo-se também que «todos os novos sócios que entrem a partir deste ano paguem quota de 10,00€ [...] mais 5,00€ de joia».



74. Ginastas do Grupo | 2016
AHMCSC/AASS/GRDT

5 de janeiro de 2013

A equipa de karaté do Grupo disputou, em diversos escalões, o campeonato nacional em Coimbra, tendo sido um dos atletas convocado para os treinos da Seleção Nacional.

18 de maio de 2013

A equipa de subbuteo do Grupo conquistou o Campeonato Nacional e a Taça de Portugal, no Dafundo.

12 de maio de 2014

O Grupo depositou o seu arquivo no Arquivo Histórico Municipal, no âmbito do PRADIM – Programa de Recuperação de Arquivos e Documentos de Interesse Municipal.

3 de outubro de 2014

Aprovação da proposta do maestro da Sociedade Recreativa e Musical de Carcavelos para a elaboração das partituras para instrumentos, do Hino do Grupo e do Hino do 1.º de Maio.

21 de março de 2016

Regista-se em ata da Assembleia Geral a criação de uma escola de música que «neste momento já é um sucesso».

6 de janeiro de 2017

Aprovação da proposta de alteração dos estatutos e do novo regulamento interno. De acordo com o artigo 1.º, «a Associação tem o nome de Grupo Recreativo e Dramático 1.º de Maio de Tires, que outrora se identificou com o nome de Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da Solidariedade Operária de Tires».

19 de maio de 2017

Em ata da Direção regista-se que a equipa de Subbuteo do Grupo ganhou o Campeonato Nacional e a Taça de Portugal, sendo também vice-campeã na Copa Ibérica, que decorreu em Madrid.



78. Marcha do Grupo | 2018
AHMCSC/AASS/GRDT

28 de setembro de 2017

Descerramento de uma placa no local onde se construirá a Casa das Artes Carlos Martinho da Silva, com projeto do arquiteto André Ferreira, destinada a acomodar a Escola de Ballet e a Escola de Música do Grupo.

20 de janeiro de 2019

Inauguração das obras de requalificação da sede do Grupo e do Pavilhão Serafim Tomé dos Santos.

1 de maio de 2019

O Grupo, que atualmente conta com escola de música e grupos coral e de teatro, promovendo, ainda, a dança, a ginástica, o karaté, o subbuteo, jogos tradicionais e marchas populares, comemorou o centenário da fundação, com a realização do seguinte programa: